

Universidade da Beira Interior



Departamento de Psicologia e Educação

**BULLYING EM MEIO ESCOLAR: PERCEÇÃO DOS PROFESSORES
SOBRE A DETECÇÃO, PREVENÇÃO E COMBATE AO PROBLEMA**

Alice de Jesus Dias Abrantes Carrilho

**Dissertação de 2º ciclo conducente ao grau de
Mestre em Supervisão Pedagógica**

**Covilhã
2009**

Dissertação de 2º ciclo realizada sob orientação da Professora Doutora Rosa Marina Afonso, apresentada à Universidade da Beira Interior para obtenção do Grau de Mestre em Supervisão Pedagógica registado na DGES sob o número 6248.

O maior problema do investigador participante não é o saber como vai recolher os dados, mas sim o de imaginar o que vai fazer com os dados que obteve.

(Wolcott, 1994)

AGRADECIMENTOS

Sem dúvida que muitas pessoas foram importantes na minha formação pessoal, académica e profissional, contudo, algumas considero-as especiais e foram fundamentais para a concretização deste trabalho.

Apesar de este espaço ser reservado para os agradecimentos, nunca será suficiente para dizer obrigada àqueles que sempre me apoiaram e confiaram em mim, mesmo nos momentos mais difíceis em que o trabalho não avançava, em que a falta de tempo aliada ao cansaço me faziam colocar a hipótese de desistir.

Em primeiro lugar tenho que deixar um agradecimento especial aos meus pais que sempre me ajudaram e me deram força;

Aos meus filhos que se viram privados da minha presença e atenção a tempo inteiro e me perguntavam ansiosamente “afinal, quando terminas o mestrado?”;

Aos meus amigos que ouviram os meus desabafos e suportaram o meu cansaço e mau humor, a minha ausência e ... me recompensaram com momentos de descontração e carinho;

Aos colegas que se disponibilizaram para responder às entrevistas e autorizaram a sua gravação e transcrição;

A todos os que quiseram colaborar comigo e começaram a prestar mais atenção à temática do *Bullying*, enviando-me emails sobre um artigo que saiu numa revista, num jornal; um livro novo desta ou daquela editora ou avisando-me sobre programas televisivos que iriam se transmitir.

Para terminar, à minha orientadora, Professora Doutora Rosa Marina Afonso, pelo seu profissionalismo; pela disponibilidade com que sempre me atendeu; pelo estímulo sempre positivo, pelas sugestões e valiosas contribuições para este estudo, e ainda pelos momentos de conversas informais sobre o dia a dia, sobre a “vida” que existe sempre para além de qualquer trabalho.

RESUMO

O *bullying* é uma forma de violência física ou psicológica, um comportamento anti-social com carácter sistemático e intencional, de difícil detecção, que pode ter consequências negativas para as crianças e jovens directa ou indirectamente envolvidos. Dada a actualidade do tema e a elevada incidência estimada deste fenómeno é pertinente reflectir sobre esta problemática nas escolas.

Este estudo exploratório pretende conhecer, através de uma investigação qualitativa, a percepção de professores do fenómeno do *bullying*. Usando a técnica da entrevista, recolheram-se dados relativos à percepção do professor sobre a detecção, prevenção e combate ao *bullying*.

Os resultados apontam para a dificuldade sentida pelos professores em detectar o *bullying* e revelam alguma incerteza e opiniões contraditórias ao tentar quantificar a prevalência do fenómeno. No entanto, são unânimes em reconhecer a importância da sua prevenção com o envolvimento de toda a comunidade educativa. Observou-se ainda que os professores pretendem contribuir para uma escola melhor evitando que o *bullying* se mantenha ou possa proliferar. Apontam como principais estratégias as metodologias activas junto dos alunos: dinamização de debates, visionamento de filmes, role-play entre outros, considerando as Novas Áreas Curriculares não Disciplinares o espaço privilegiado para estas actividades. Salientam ainda a necessidade de formação adequada nesta área, para a implementação de projectos anti-*bullying* nas escolas adaptados à sua especificidade.

Palavras-chave: *bullying*, violência escolar, prevenção, programas de intervenção, estratégias.

ABSTRACT

Bullying is very often difficult to be detected. It is a psychological or physical violent an anti-social behaviour assuming a systematic and intentional pattern that might have negative consequences for all children and teenagers directly or indirectly involved. Considering the current agenda it becomes relevant to discuss this issue within the school environment.

This exploratory qualitative research is supported by interviews on the phenomenon of bullying in schools: the perception of teachers in confining / predicting, preventing and combating it.

The outcomes seem to point out the difficulties felt by the teachers in identifying bullying behaviours, they reveal some uncertainty and indecision and contradictory opinions trying to quantify the prevalence of this phenomenon schoolwide. Nevertheless, the results are unanimous acknowledging the importance of schoolwide efforts to prevent it with the commitment of the whole school community. The teachers are interested in contributing for a better and healthier school atmosphere avoiding the existence of bullying and hindering its proliferation in the future.

To deal with such situation with students, teachers use as main strategies practical/active methodologies such as the promotion of debates, the projection of films, and role-playing (incidents of bullying reported or not) among others, turning the New Curriculum Areas the privileged place for these activities to be carried out. They still point out the necessity of providing extensive teacher and staff training in this area, in order to implement anti-bullying programmes at schools, adapted to each specific reality, to the social, economic and cultural characteristics of their population.

Key words: bullying, school violence, prevention, intervention programmes, strategies.

ÍNDICE

CAPÍTULO I - INTRODUÇÃO	01
--------------------------------	----

CAPÍTULO II - REVISÃO DA LITERATURA

2.1. Conceito de <i>bullying</i>	03
2.2. Participantes no fenómeno <i>bullying</i>	05
2.2.1. <i>Agressor</i>	05
2.2.2. <i>Vítima</i>	06
2.2.3. <i>Vítima-provocativa</i>	07
2.2.4. <i>Observador</i>	07
2.3. Pertinência do tema do <i>bullying</i>	08
2.4. Estudos realizados sobre <i>bullying</i> em contexto escolar	09
2.5. O papel do professor e do director de turma perante a violência nos normativos	14
2.5.1. <i>Enquadramento legal em relação à violência na escola</i>	15
2.5.2. <i>Programas relacionados com violência na escola</i>	16
2.5.3 <i>Papel do professor e do director de turma em relação à violência</i>	17
2.6. Estratégias para abordar o fenómeno	19

CAPÍTULO III - ESTUDO EMPÍRICO

3.1. - Objectivos	23
3.2. - Sujeitos	23
3.3. - Instrumentos	24
3.4. - Procedimento	26
3.5. - Resultados	27

CAPÍTULO IV - DISCUSSÃO / CONCLUSÃO

4.1. Discussão e Conclusão dos resultados	35
---	----

REFERÊNCIAS	39
--------------------	----

ANEXOS

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Formas e manifestações de violência	04
Quadro 2 – Síntese de alguns estudos sobre <i>bullying</i>	11
Quadro 3 – Síntese de alguns estudos realizados em Portugal	12
Quadro 4 - Medidas para combater o <i>bullying</i>	19
Quadro 5 - Descritivo das categorias e subcategorias	28

LISTA DE ANEXOS

Anexo I - Autorização para a realização do trabalho

Anexo II – Guião de Entrevista

Anexo III – Transcrição da entrevista – sujeito 1

Anexo IV - Transcrição da entrevista – sujeito 2

Anexo V - Transcrição da entrevista – sujeito 3

Anexo VI - Transcrição da entrevista – sujeito 4

Anexo VII - Transcrição da entrevista – sujeito 5

Anexo VIII - Transcrição da entrevista – sujeito 6

Anexo IX – Análise de conteúdo: categorias / unidades de sentido

CAPÍTULO I – INTRODUÇÃO

O *bullying* é um tema recorrente, cuja notoriedade se deve, em grande parte, aos meios de comunicação social, os *media*, com notícias de acontecimentos mais ou menos violentos e chocantes ocorridos em escolas portuguesas ou estrangeiras.

Com alguma frequência somos confrontados com situações que, quer pela sua violência física ou psicológica, quer pela sua persistência, impedem o desenvolvimento e o bem-estar dos jovens. Na actualidade, este problema é factor de preocupação para os sectores ligados ao ensino, adquirindo grande importância o estudo das relações interpessoais em meio escolar, espaço privilegiado para a construção do saber e da formação para a cidadania.

Segundo Carvalhosa, S., Lima, L. e Matos, M. (2002) considera-se uma acção negativa quando alguém intencionalmente causa, ou tenta causar, danos ou mal-estar a outra pessoa. Esse repetido importunar pode ser físico, verbal, psicológico. Sebastião (2003) refere que há essencialmente três tipos de *bullying*: o directo e físico (agredir, roubar, forçar comportamentos sexuais ou ameaçar fazê-lo), directo e verbal (insultar, fazer reparos racistas) e indirecto (excluir alguém do grupo de pares, lançar boatos).

Os comportamentos relacionados com *bullying* ainda são entendidos como brincadeiras próprias da idade, sendo frequentemente ignorados ou desvalorizados tanto por professores e funcionários como pelos próprios familiares dos envolvidos.

A escola, segundo Pereira (1997) deve ser um local de bem-estar e de aprendizagem, deverá ser um dos principais mobilizadores do combate ao *bullying* a fim de os jovens se poderem sentir bem e poderem realizar as suas aprendizagens. Esta preocupação para além de merecer a atenção do meio escolar, está patente em sectores da área da saúde, como se pode verificar, a título de exemplo, nas recomendações da Organização Mundial de Saúde (O.M.S.) ao referir que no ano de 2015, os habitantes da região europeia deverão ter maiores oportunidades para viver em envolvimento físico e social mais saudáveis, tanto em casa como na escola, no local de trabalho e na comunidade local (Carvalhosa et al.2002). É pois determinante o papel das escolas também na promoção da saúde e na prevenção da violência.

Corroborando esta perspectiva, segundo Jesus (2001) a fim de evitar os comportamentos anti-sociais, seria interessante implementar, nas escolas, medidas promotoras do comportamento pró-social e do comportamento altruísta, potenciando atitudes de solidariedade, cooperação e ajuda, numa tentativa de prevenir condutas anti-socais, como por exemplo: a agressão, a violência, a delinquência, a indiferença perante os problemas alheios, o sexismo, a xenofobia, a falta de consciência ecológica.

Com base nestes pressupostos, este trabalho pretende investigar a percepção dos docentes na detecção, prevenção e combate à problemática do *bullying* em meio escolar. Se esta forma de agressão está presente em todas as escolas de uma forma mais violenta numas ou mais dissimulada noutras, o professor está atento a estas situações? E como actua perante o problema? Tem formação específica para intervir?

A necessidade de responder a estas questões partiu da reflexão sobre vivências pessoais (enquanto aluna) e profissionais (como professora) e surgiu na sequência da troca de impressões com profissionais de saúde sobre o problema. Por outro lado, a emergência de notícias sobre este fenómeno contribuiu, significativamente para o interesse pelo tema e para a consequente procura de informação na literatura científica, dado que esta área não é contemplada na formação inicial de professores.

O presente trabalho de investigação, no seguimento desta introdução, começa por apresentar, no capítulo II, a revisão da literatura, que pretende abordar alguns aspectos relevantes relacionados com a temática do *bullying* tais como: o conceito, as características dos sujeitos envolvidos; as implicações do fenómeno; os estudos realizados em alguns países e em Portugal; o papel do professor e do director de turma perante a violência escolar de acordo com os normativos (Lei de Bases do Sistema Educativo, Estatuto do Aluno, Programa Escola Segura, Programa Nacional de Saúde Escolar) e as estratégias/ sugestões para abordar o problema. Seguidamente, no capítulo III, descreve-se o estudo realizado, um estudo empírico, de índole qualitativa, sendo apresentados os seus objectivos, os sujeitos, os instrumentos, os procedimentos e os resultados. Finalmente, no capítulo IV será apresentada a discussão e conclusão dos resultados.

CAPÍTULO II - REVISÃO DA LITERATURA

2.1. Conceito de *Bullying*

O termo *bullying*, de origem anglo-saxónica, não tem tradução específica em português; pode ser compreendido como agressividade (Pereira, 1997) uma forma de violência que visa agredir, intimidar, humilhar, excluir o outro, repetida e intencionalmente, sem que exista um motivo aparente (Olweus, 1978; Pereira, Almeida e Valente, 1994; Smith&Sharp, 1994; citado por Oliboni, 2008). Ainda com o intuito de facilitar a compreensão do conceito Carvalhosa et al. (2002) utiliza as expressões provocação/vitimação ou intimidação e reforça a definição de *bullying* apontando três critérios: primeiro, a intencionalidade do comportamento (DeHaan, 1997; Olweus, 1993; Pereira et al., 1994) o comportamento visa provocar mal-estar e ganhar controlo sobre outra pessoa; segundo, a repetição do comportamento ao longo do tempo (Mellor, 1990; Olweus, 1994), o comportamento não ocorre ocasionalmente ou isoladamente, mas passa a ser crónico e regular; terceiro, o desequilíbrio de poder na dinâmica do *bullying* (Olweus, 1993, Pereira et al., 1994), normalmente os agressores vêem as suas vítimas como um alvo fácil (DeHaan, 1997; citado por Carvalhosa et al. 2002).

A revisão da literatura sobre o tema indica que, em alguns países, se optou pela tradução da palavra e se utilizam diferentes termos para designar *bullying*, tais como, *prepotenze* (Itália) ; *intimidación, maltrato, acoso escolar* (Espanha) e *ijime* (Japão). Apesar de diferentes significantes, o que importa é o facto de todos terem um significado comum. Romero (2007) esclarece que, para interpretar uma conduta de *acoso*, optou pela definição do Centro Internacional da Infância de Paris, que considera maltrato infantil qualquer acto, por acção ou omissão, realizado por indivíduos, por instituições ou pela sociedade que priva as crianças da sua liberdade e dos seus direitos e que dificulta o seu normal desenvolvimento. Noutra perspectiva, Ortega (2002; citado por Ortega e Mora-Merrchán, 2008) refere que a violência, em sentido restrito, é toda a forma de ruptura de uma expectativa ética bem cimentada num sistema de normas reconhecidas e aceites. A violência interpessoal entre iguais destrói ainda o princípio da reciprocidade moral, que articula, de forma espontânea, a vida social dos que se consideram homólogos numa rede social, ou seja os pares

O *bullying* pode assim ser considerado como uma forma de violência, um comportamento anti-social cujas manifestações podem adquirir formas diversas mais ou menos visíveis e, consequentemente, mais ou menos difíceis de detectar. Para uma visão

global das situações de violência que podem surgir entre as crianças e jovens enumeram-se as seguintes:

Quadro 1 – Formas e manifestações de violência

Formas de bullying	Manifestações
Agressões físicas directas	murros, empurrões, pontapés;
Agressões físicas indirectas	pequenos furtos, destruição de pertences;
Agressões verbais directas	insultos à vítima e/ou família, menosprezar em público, ofender salientando características distintivas da vítima
Agressões verbais indirectas	falar mal de alguém, espalhar rumores e mentiras, <i>cyberbullying</i> , uso do correio electrónico e do telemóvel para estas situações;
Chantagem e ameaças	provocar medo, obter algo (objectos, dinheiro), obrigar a vítima a fazer coisas que não queira fazer (como por exemplo, deixar copiar nos testes de avaliação);
Isolamento e exclusão social	não contar com a vítima para diversas actividades do grupo (ir ao cinema, jantar fora) não deixá-la participar nos trabalhos de grupo, isolá-la do grupo, ignorando a sua presença.
Violência racial	usar expressões depreciativas e motes racistas dirigidas a emigrantes ou minorias étnicas
Violência sexual	gestos ou agressões verbais obscenas, toques ou agressões físicas.

Perante esta diversidade de manifestações, descritas em trabalhos de alguns investigadores (Beanne 2006; Carvalhosa et al. 2002; Oliboni 2008; Romero, 2007) um problema que se coloca aos adultos, sobretudo àqueles que por razões profissionais interagem com crianças e jovens, é a dificuldade em determinar quando as situações de violência são jogos entre pares, ou se persistem com intenção de causar dano. Não se pode, classificar todo o comportamento anti-social ou conduta agressiva como *bullying*, assim como se deve distinguir de indisciplina, outro fenómeno associado ao contexto escolar. A dinâmica do *bullying* centra-se num desequilíbrio de poder; estando a vítima em situação de inferioridade.

Ou seja, segundo Ortega e Mora-Merchán (2008) verifica-se um esquema de domínio-submissão na medida em que entre os protagonistas da violência passa a ser habitual a prepotência por parte do agressor e a impotência como resposta do agredido.

Em suma, com base na literatura, verifica-se que o conceito de *bullying* tem sido operacionalizado de diferentes modos pelos diversos autores que investigam o problema: uns destacam apenas a violência física, outros referem a violência física, verbal, psicológica e, em menor número, a violência sexual. Neste trabalho o conceito de *bullying* foi operacionalizado da seguinte forma: é o termo anglo-saxónico que designa a violência (física e/ou psicológica) com carácter sistemático entre pares e é este o conceito que surge no âmbito do respectivo estudo empírico .

2.2. Participantes no fenómeno de *Bullying*

Parece haver uma tentativa de categorização dos intervenientes em situações de *bullying*, quer agressores, quer agredidos. No entanto, não se deve cair em estereótipos porque qualquer aluno, independentemente das suas características pessoais, pode converter-se em agressor ou vítima uma vez que o comportamento é algo que pode ser aprendido e modificado (Romero, 2007).

Na literatura da especialidade, tal como se verifica na designação do *bullying*, os actores nele co-implicados são designados de diversas maneiras dependendo da opção dos investigadores. Deste modo importa apresentar, a título de exemplo a terminologia que será utilizada neste trabalho: os agressores, são também designados por autores, provocadores ou *bullies*; os alvos surgem como agredidos ou vítimas e os observadores, espectadores ou testemunhas.

2.2.1. Agressor

De acordo com a definição de Boulton e Smith (1994; citado por Carvalhosa et al., 2002) o agressor é aquele que implica com os pares, lhes bate, o que lhes faz coisas desagradáveis frequente e aparentemente sem um motivo.

Através de trabalhos de diferente natureza, investigadores traçaram um conjunto de características dos agressores, tendo por base indicadores relacionados com os comportamentos de risco, a relação com os pais e com os pares, a atitude face à escola, entre outros. Beane (2006) defende que o perfil dos *bullies* é mais fácil de identificar dado que são crianças arrogantes e conflituosas que adoram ganhar. Os agressores são caracterizados por

agredirem os seus pares; por terem atitudes positivas para com a violência (correm um risco maior de se envolverem, mais tarde, em comportamentos como a criminalidade); por terem maior probabilidade para a depressão; pela dificuldade em fazer amigos e ter poucos; sentem-se infelizes na escola; envolvem-se em maior percentagem do que os pares em comportamentos de risco para a saúde, tais como, fumar, consumir álcool em excesso, usar substâncias aditivas. Em relação ao ambiente familiar, tendem pertencer a agregados em que existe grande distância emocional entre os seus membros, pouco afecto e carinho. Por vezes, os pais têm estilos de disciplina muito punitiva e rígida, sendo habituais os castigos físicos e neste, contexto privilegia-se a crítica em detrimento do elogio e encorajamento (Beane, 2006; Carvalhosa et al., 2002; Forrero et al., 1999; Nansel et al., 2004; Romero, 2007).

2.2.2. Vítima

No que concerne à vítima, segundo Boulton e Smith (1994, citado por Carvalhosa et al., 2002) é alguém com quem frequentemente implicam, ou que lhe batem, ou que a arreliam, ou que lhe fazem outras coisas desagradáveis sem uma justificação. São crianças que apresentam características que fazem delas “presas fáceis” para os agressores; quer pelo facto de apresentarem alguma característica física que é motivo de troça dos colegas (como, por exemplo, ser gordo, usar roupa fora da moda) ou por se destacarem como alunos com notas acima de média que interagem pouco com os colegas (Romero, 2007). As vítimas são mais deprimidas que os outros alunos. Embora algumas fumem e bebam álcool, fazem-no menos que os pares, mas apresentam queixas de dores de cabeça e de barriga com mais frequência. Tal como os agressores, consideram a escola desagradável e têm grande dificuldade em fazer amigos, porque são rejeitados pelos colegas. As famílias de alguns destes alunos parecem caracterizar-se pelo excesso de protecção dos pais, proporcionando aos filhos uma educação de restrição (Carvalhosa et al., 2002). Neste contexto, Georgiou (2008) concluiu que o excesso de protecção por parte da mães está associado a altas taxas de vitimização dos filhos nas escola.

As consequências do *bullying* são muitas e profundas, dado que se fazem notar na baixa auto-estima, na atitude passiva, em transtornos emocionais, em problemas psicossomáticos, depressão, ansiedade e por vezes em pensamentos suicidas. Deve ainda referir-se que, a longo prazo, as vítimas de *bullying* começam a perceber-se como sendo inferiores e acreditam que merecem ser maltratadas (Beane, 2006) portanto não agem nem se

manifestam, factor que vem dificultar a detecção do problema e a actuação dos adultos em tempo útil.

2.2.3. *Vítima –provocativa*

Um grupo, considerado mais pequeno segundo Carvalhosa et al. (2002) as vítimas-provocativas ou alvos-provocadores (Oliboni, 2008) tem sido também repetidamente identificado. Este grupo de alunos inclui tanto agressores como agredidos que tentam reagir quando são atacados. A vítima, ao mesmo tempo que sofre com o *bullying*, faz novos alvos com as suas acções, reproduzindo a violência por si experimentada. Parecem situar-se numa situação de maior risco psicossocial, por apresentarem conjuntamente, e de forma mais acentuada, as características das vítimas e dos agressores (Martins, 2005).

Estes jovens são caracterizados por uma variedade de acções agressivas e constituem um grupo de risco elevado nas escolas e de acordo com Spence e Matos (2000; citado por Carvalhosa et al., 2002) é necessário proporcionar-lhes um acompanhamento adequado.

2.2.4. *Observador*

Os observadores ou testemunhas correspondem à maioria dos estudantes. Segundo Freire e Ferreira (2006) 68% dos alunos, independentemente do ano que frequentam, da idade, do género a que pertencem e do seu estatuto social ou origem étnica observam passivamente situações de agressividade entre colegas. De acordo com Neto (2005) grande parte das testemunhas sente simpatia pelas vítimas, condena o comportamento dos agressores e deseja que os professores intervenham de forma mais efectiva. Outros investigadores consideram este grupo heterogéneo que manifesta diferentes atitudes face ao que observa: os *defenders* são alunos contra o *bullying* e defensores das vítimas, protegem-nas ou chamam um adulto para interromper a agressão; os *bystanders* presenciam e reforçam positivamente o agressor, são incentivadores que incitam e estimulam o agressor e os *outsiders* são aqueles não se manifestam negativa ou positivamente perante o *bullying*, só observam ou se afastam por medo de se tornarem novos alvos (Oliboni, 2008).

2.3. Pertinência do tema do *Bullying*

A temática do *bullying* merece especial atenção por parte dos investigadores, após um estudo pioneiro realizado em 1978 por Olwens, da Universidade de Bergen, que descreveu a natureza básica do *bullying* e formas de o analisar. Só nos últimos anos é que o assunto passou a surgir nas revistas de Educação e que ganhou significativa importância quando o suicídio de jovens começou, nalguns casos, a ser associado a vítimas de *bullying*.

Actualmente, a pertinência do tema é visível em congressos, colóquios, encontros e publicações no âmbito da saúde e educação, onde o termo *bullying* assume destaque. A título de exemplo, a Secção de Medicina do Adolescente (SMA), da Sociedade Portuguesa de Pediatria, no IV Congresso Nacional, em 2008, apresentou uma conferência designada “*Bullying* - Prevenção na escola, família e comunidade”. O destaque actual dado ao *bullying* pode ser visto como um indicador de que há um maior interesse por este fenómeno e ainda a preocupação em fazer uma abordagem e uma reflexão sobre situações, comportamentos e vivências dos nossos jovens, que lhes poderão proporcionar mais saúde e mais qualidade de vida.

Para além dos profissionais de saúde, existem Organizações não Governamentais que também contribuem para a divulgação e prevenção deste problema de violência. A Associação de Mulheres Contra a Violência (AMCV) trabalha na área da defesa dos direitos das mulheres, crianças e jovens e através da campanha “*Stop Bullying*” em vários suportes mediáticos (imprensa, rádio e televisão) visa consciencializar o público em geral para um problema que é vivido por um elevado número de crianças e jovens no nosso país. Pretende ainda alertar, em particular, pais e educadores para a necessidade de estarem atentos e falarem com as crianças sobre este tema, e os jovens para a necessidade de procurarem apoio caso vivenciem uma situação de *bullying*. Os desdobráveis, direccionados para as escolas e pais, destacam alguns sinais do *bullying*, procedimentos de intervenção, mitos e realidades.

Outras das iniciativas que vão surgindo para minimizar a problemática do *bullying* é a oferta de Cursos de Formação Contínua destinados a Educadores de Infância, Professores, Psicólogos, Técnicos de Reinserção Social. O objectivo principal nestes cursos consiste em dotar os formandos de conhecimentos que lhes permitam identificar situações de *bullying* e saber quais as formas de intervenção mais eficazes. Importa referir que apesar de estas iniciativas serem extremamente importantes para todos os que se interessam por esta temática, revelam alguns aspectos negativos como é o facto de se realizarem nos grandes centros do país e terem um custo monetário elevado para a maioria do seu público-alvo.

Em Portugal, parece evidenciar-se uma maior preocupação em divulgar o fenómeno do *bullying* a nível nacional e alertar para a necessidade de agir perante esta complexa problemática uma vez que tanto o agressor como o agredido necessitam de ser escutados, atendidos e de ser tratados.

2.4. Estudos realizados sobre *bullying* em contexto escolar

A investigação realizada nas últimas duas décadas tem colocado em evidência o carácter transcultural e transnacional do problema (Smith & Brain, 2000; citado por Martins, 2005).

O *bullying* no meio escolar é um problema que tem vindo a ser estudado em diferentes países da Europa, na América do Norte e no Japão, entre outros, por pesquisadores na área da educação, com o objectivo de melhor compreender a sua dinâmica, e procurar possíveis soluções para prevenir e combater o fenómeno. A sua gravidade e implicações continuam a levar à realização de estudos por todo o mundo; uns centram-se sobre a descrição da realidade escolar como etapa indispensável para planificar e implementar programas de intervenção específicos (Olweus 1989; Whitney & Smith, 1993; Ortega, 1994; Pereira, Almeida, Valente & Mendonça 1996; citado por Pereira, 1997); outros centram-se nas razões explicativas e interpretação teórica do fenómeno (Olweus, 1993; Fonzi & Genta, 1996; citado por Pereira, 1997); alguns procuram estabelecer relação estilos de vida saudáveis com decréscimo de vitimização (Turabeci A. et al., 2008), outros ainda centram-se nos efeitos do *bullying* ao nível emocional (Bond, L. et al., 2001) e da saúde dos jovens (Due, P. et al., 2005).

Dos estudos internacionais realizados, consideram-se fundamentais para o diagnóstico do *bullying* os de Olweus(1987), na Noruega e de Whitney e Smith (1993), no Reino Unido.

Na Escandinávia, o *bullying* representa uma forma séria de comportamento anti-social que, pela sua duração, pode prejudicar o desenvolvimento da criança (Olwens, 1987; citado por Pereira, 1997). Este investigador, autor de inúmeros estudos sobre esta temática, foi pioneiro num trabalho de avaliação quantitativa do *bullying*. Os dados de um questionário de sua autoria, passado a 130.000 estudantes noruegueses, de 42 escolas primárias e secundárias, indicaram que 15% dos estudantes tinham estado envolvidos em situações de agressão/vitimização e que os rapazes eram mais vítimas e agressores do que as raparigas. É de salientar que este trabalho realizado a nível nacional foi apoiado pelo governo e pelo poder central, possibilitando a pesquisa e intervenção num vasto público-alvo.

Posteriormente, no Reino Unido, Whitney & Smith (1993; citado por Pereira, 1997) apresentaram também a primeira investigação de grandes dimensões, realizada em Sheffield, utilizando um questionário adaptado de Olweus, numa amostra de 6000 alunos de escolas primárias e secundárias. Os pesquisadores verificaram o problema da violência era grave e estava bastante difundido nas escolas; as taxas de bullying eram elevadas, e variavam de acordo com a idade e o sexo. Este trabalho contou também com o apoio financeiro da Fundação Calouste Gulbenkian.

Como já foi referido, nos últimos anos, a pesquisa sobre a problemática do *bullying* continua a merecer a atenção de um número cada vez maior de investigadores de áreas como a da educação, da saúde e da criminalidade. Consequentemente a divulgação dos seus estudos contribui para o acervo documental sobre este tema em forma de artigos, teses, recensões críticas, livros de índole científica. Dado o número e diversidade de publicações que têm surgido, para uma visão global mais sistematizada, apresentam-se seguidamente o quadro nº 2 relativo a trabalhos editados em alguns países, cuja temática está directa ou indirectamente relacionada com o *bullying* em meio escolar.

Quadro 2 - Síntese de alguns estudos sobre *bullying* realizados em diferentes países

Autores / ano	País(es)	Amostra	Resultados / conclusões
Forero (1999)	Austrália	Alunos de 115 escolas (12-14 anos) n = 3918	<i>Bullying</i> : associado a problemas de saúde física e psicológica, - Agressores: são infelizes na escola. - Vítimas- gostam da escola mas sentem-se sós.
Bond (2001)	Austrália (Victoria)	Alunos das escolas secundárias (13 anos) n = 2680	<i>Bullying</i> : importante causa de stress e de problemas físicos e emocionais; (depressão, ansiedade e solidão) - a sua redução nas escolas pode ter um impacto substancial no bem estar emocional dos jovens.
Nansel (2004)	25 Países (na maioria europeus, Austrália e Estados Unidos)	Alunos (11.5, 13.5 e 15.5 anos) n = 113.200	<i>Bullying</i> : - associa-se a um pobre ajustamento psicossocial de forma semelhante em diversos países; - um problema de saúde dos jovens a nível internacional.
Due (2005)	28 Países (Europa e América do Norte)	Alunos (11, 13 e 15 anos) n = 123,227	<i>Bullying</i> : - necessidade da prevenção e da criação de políticas de saúde e bem estar para crianças e adolescentes.
Veenstra (2005)	Alemanha	Alunos (11,09 anos) n = 1065	<i>Bullying</i> : - Agressores, vítimas e vítimas provocativas são um grupo de risco elevado nas escolas.
Turagabeci (2008)	9 países em desenvolvimento	Alunos (13 a 15 anos) n = 32.302	<i>Bullying</i> : - estilos de vida saudáveis contribuem para reduzir o risco de ser vítima de violência e injúrias; - devem ser implementados programas que promovam comportamentos saudáveis nas escolas.

Nos trabalhos referidos no Quadro 2 verificou-se que comportamentos de *bullying* apresentam características semelhantes, em diferentes países, e constituem uma realidade oculta, muitas vezes desconhecida dos adultos. Estas situações permanecem devido a diversos factores, ao desconhecimento ou passividade das pessoas que rodeiam os agressores e as vítimas sem intervir directamente, ou pelo facto de o agressor amedrontar de tal modo a vítima que esta garantidamente não conta a ninguém o que lhe acontece. Parece evidenciar-se a preocupação com as consequências do *bullying*, considerado um problema de saúde a nível internacional (causa problemas físicos e emocionais) para além de um comportamento anti-social que é necessário combater apostando em políticas de educação e de saúde. Para atingir este objectivo sugere-se a implementação de programas que promovam um clima de bem-estar e comportamentos saudáveis nas escolas.

Quadro 3 – Síntese de alguns estudos realizados em Portugal

Autores / ano	Amostra	Ideias –chave
Pereira (1997)	Alunos (10,2 a 11,6 anos) n = 6197 (concelhos de Braga e Guimarães)	<i>Bullying:</i> -uma em cada cinco crianças estiveram envolvidas nestas situações; - os tipos de agressão mais usados foram o chamar nomes, a agressão corporal e o levantar rumores; - o recreio é o local onde ocorre com mais frequência.
Carvalhosa (2002)	Alunos n =6903 (escolas de todos os concelhos do país)	<i>Bullying:</i> - os mais novos e os que frequentam anos de escolaridade mais baixos estão mais envolvidos em comportamentos de vitimação e em comportamentos de duplo envolvimento(vítimas / agressores.
Pereira (2004)	Alunos (10 a 12 anos) n = 4092 (Guimarães e Lisboa)	<i>Bullying:</i> - existe tanto no Norte como no Sul do país; - existe em todas as escolas, em níveis mais ou menos elevados ; - a maioria das ocorrências surge nos recreios; - o projecto educativo da escola deve integrar um programa de intervenção com diferentes vertentes que interagem: envolvimento dos docentes; melhoramento dos recreios e supervisão; animação dos espaços e tempos livres dos alunos.
Martins (2005)	Alunos (12 a 21 anos) n = 572 (Alentejo)	<i>Bullying:</i> - presente nas escolas portuguesas, compromete o bom relacionamento entre pares; - 1º condutas de exclusão social (falar mal e ignorar),2º conduta de agressão verbal (insultar) - os papéis de cúmplice passivo e activo são vividos com uma frequência razoável no contexto escolar; - necessidade de criar e implementar programas de prevenção que envolvam a comunidade educativa.
Freire (2006)	Alunos (12 a 18 anos) n = 242 (Lisboa)	<i>Bullying:</i> - problema social grave; atravessa todos os estratos sociais; - existe uma maior consciência do mesmo; - os observadores nada fazem para proteger os colegas vítimas; - predomínio no 9º ano (dos 13 a 16 anos).

Em Portugal, os resultados encontrados nos estudos realizados são consistentes com a literatura no que se refere à diferença de sexo e à diferença de idade e escolaridade

Carvalhosa et al. (2002): os rapazes estão mais envolvidos em agressões físicas, as raparigas em situações de *bullying* psicológico, como por exemplo o espalhar rumores. Verifica-se que os mais novos estão mais envolvidos na dinâmica do *bullying*, com maior percentagem aos 13 anos, tendendo a sua frequência a diminuir com o aumento dos anos de escolaridade, sendo o espaço do recreio o local onde ocorrem situações de violência (Pereira, 1997). O problema é considerado grave e presente em todos os estratos sociais (Freire, 2006) sendo necessária a intervenção da escola de modo a combater os comportamentos de violência. De acordo com Martins (2005) a comunidade educativa deve ser envolvida em programas de prevenção anti-*bullying*. Neste contexto, Pereira (2004) refere também a necessidade de reforçar a supervisão nos recreios e melhorar os espaços e tempos livres dos alunos.

Os efeitos do *bullying* podem afectar os envolvidos enquanto adultos, facto que têm sido preocupação dos investigadores. Estudos de *follow-up* (Freire, Simão & Ferreira, 2006) revelaram que as vítimas de *bullying* na escola têm maior dificuldade e demoram mais a estabilizar o seu modo de ser, bem como tendência para a depressão e mais baixa auto-estima quando comparados àqueles que não viveram esses problemas.

Em relação à incidência / prevalência do *bullying*, destacam-se as investigações de Pereira et al. (1994; citado por Carvalhosa et al., 2002) relativas a dois conselhos do Norte do país, revelaram que 21% das crianças entre os 7 e os 12 anos nunca foram agredidas, 73% foram agredidas “às vezes” e 5% “muitas vezes”.

De acordo com um estudo de (Matos e Carvalhosa (2005) entre 1998 e 2002, a frequência de provocar outros e de ser vítima, uma vez por semana ou mais, aumentou.

Outro trabalho, o *Health Behavior of School-aged Children* (HBSC) um estudo colaborativo da Organização Mundial de Saúde (OMS), envolvendo 35 países e regiões maioritariamente europeus também caracteriza os comportamentos de *bullying* em contexto escolar. Nas investigações com amostras nacionais representativas (Carvalhosa, Lima e Matos, 2001; Carvalhosa e Matos, 2004) verificou-se que, em 1998, 42,5% dos alunos (11 a 16 anos) responderam nunca se terem envolvido em comportamentos de *bullying*, 10,2% afirmaram ser agressores, 21,4% referiram serem vítimas e 25,9% eram vítimas provocativas (simultaneamente vítimas e agressores). Em 2004, verificaram-se algumas alterações nas percentagens referidas, tendo-se verificado que 41,3% dos alunos nunca se envolveram em situações de *bullying*, 9,4% eram agressores, 22,1% tinham sido vítimas e 27% eram tanto vítimas como agressores.

Segundo Carvalhosa et al.(2002) estes dados da população portuguesa são diferentes daqueles relatados pelo trabalho realizado por Pereira et al.(1994) devido à diferença de idade

e de escolaridade das amostras. O estudo destes autores que abrange crianças entre os 7 e os 12 anos, apresenta uma percentagem menor de crianças que nunca foram agredidas e uma percentagem maior de crianças agredidas, em relação ao do HBSC. Outra característica a destacar é a diferença notória entre o tipo de comportamento externalizante dos provocadores (que gostam de se sentir poderosos) e o internalizante das vítimas (que sofrem em silêncio).

Estes dados indicam que estamos perante um problema social grave, que ultrapassa o âmbito escolar e pessoal. Na literatura e nos media, as referências a suicídios associados aos maus-tratos entre iguais dão-nos uma melhor percepção da dimensão do problema, e mostram-nos que tem sido bastante negligenciado socialmente. Esta atitude poderá ser explicada pelo facto de muitos adultos considerarem o *bullying* como algo que faz parte do percurso escolar e / ou também uma espécie de iniciação à vida adulta, em particular no caso do jovens do sexo masculino. No entanto, as consequências a curto ou longo prazo da agressão/ vitimização não permitem encarar o problema como um treino ou uma etapa para a vida, para que “se façam fortes” ou aprendam a defender-se no futuro. Segundo Beanne (2006) o *bullying* só pode ser erradicado quando a sua existência for reconhecida e quando se tomarem medidas para o prevenir. Ignorar o problema certamente não o faz desaparecer.

2.5. O papel do professor e do director de turma perante a violência nos normativos

Bullying: detectar, prevenir e combater? Qual o papel do professor ?

O conceito de papel é entendido como um comportamento esperado por aquele que ocupa um determinado status e que está em interacção e reciprocidade com o outro (Bronfenbrenner, 1996; citado por Oliboni, 2008). Sem dúvida que perante os novos desafios que a escola apresenta se espera uma resposta adequada dos profissionais da educação. Segundo Tedesco (1999; citado por Ramos, 2008) a mudança mais importante exigida à educação e ao professor foi a de esta incorporar a tarefa da formação da personalidade uma vez que, quer o desempenho produtivo, quer o desempenho da cidadania requerem de o desenvolvimento de diversas competências, que não só se adquirem através do conhecimento mas também através do pensamento sistémico, da solidariedade, da capacidade de resolver problemas, da capacidade de trabalhar em grupo entre outras.

2.5.1. Enquadramento legal em relação à violência na escola

Em Portugal, a partir da revolução de Abril de 1974, a par da democratização política o acesso ao ensino massificou-se, implicando mudanças significativas na estrutura, métodos e públicos do sistema educativo. Em 1986, foi publicada a Lei nº46/86, de 14 de Outubro, Lei de Bases do Sistema Educativo (LBSE) que estabelece o quadro geral do sistema educativo (artigo 1º), definindo-o como o conjunto de meios pelo qual se concretiza o direito à educação, que se exprime pela garantia de uma permanente acção formativa orientada para favorecer o desenvolvimento global da personalidade, o progresso social e a democratização da sociedade. Esta lei consagra um ensino básico universal, obrigatório e gratuito, com a duração de nove anos, organizado em três ciclos.

Posteriormente, tendo por objectivo dotar os alunos de maiores capacidades de intervenção cívica foi criada a área de Formação Pessoal e Social, no Decreto-Lei 286/89 de 29 de Agosto, que procede à reestruturação curricular. Com o Decreto-Lei n.º 6/2001 de 18 de Janeiro, surge a Educação para a Cidadania como área transversal de todo o do Ensino Básico, bem como a implementação da Formação Cívica como Área Curricular não Disciplinar.

Neste contexto, foi publicado o Decreto-Lei 270/98, de 1 de Setembro, que define o estatuto do aluno, estipulando direitos e deveres e também as regras de convivência e de disciplina destinadas a todos os elementos da comunidade educativa. Com base neste documento, verifica-se que cada escola, de acordo com a sua realidade, estipula o código de conduta a seguir no seu regulamento interno. Este Decreto-Lei foi revogado com a publicação da Lei n.º 30/ 2002, de 20 de Dezembro, do Estatuto do Aluno não Superior (sem prejuízo do disposto no Artigo 59º, e os artigos 13º a 25º do Decreto-Lei n.º 301/93). Com base nos princípios consagrados na LBSE, esta lei define as funções dos diversos intervenientes na acção educativa; descreve os direitos e deveres dos alunos e prevê a aplicação de medidas disciplinares bem como os respectivos procedimentos.

Feita uma breve síntese do enquadramento legal, falta ainda referir a Lei nº 3/2008 de 18 de Janeiro, primeira alteração à Lei nº 30/2002, de 20 de Dezembro, que aprova o Estatuto do Aluno dos Ensinos Básico e Secundário. Esta lei, em vigor actualmente, estabelece claramente o papel de cada interveniente da comunidade educativa que integra: os alunos, os pais e encarregados de educação, os professores, o pessoal não docente das escolas, as autarquias e os serviços de administração central e regional com intervenção na área da educação (Artigo 4º). Verifica-se que, ao longo da evolução do nosso sistema educativo, há a

preocupação de tornar acessível a todos um ensino de qualidade, com a colaboração de várias entidades que, de alguma maneira estão ligadas ao processo educativo.

2.5.2 Programas relacionados com a violência na escola

No contexto da violência em meio escolar, o Ministério da Administração Interna em conjunto com o Ministério da Educação aprova o Regulamento do Programa Escola Segura com a publicação do Despacho n.º 25 650/2006 (que revoga o despacho conjunto n.º 105-A/2005, de 19 de Janeiro). Este instrumento de actuação preventiva, visa reduzir ou erradicar as situações de violência e insegurança nas escolas e meio envolvente. O programa, de âmbito nacional, tem também por objectivo dinamizar iniciativas promotoras dos valores da cidadania e do civismo no meio escolar, tendo em vista o desenvolvimento harmonioso de crianças e jovens. Neste documento são destacados como valores fundamentais de uma sociedade democrática a liberdade e a segurança (nas escolas). Reconhece-se que, devido à ocorrência de comportamentos desviantes ou anti-sociais, que têm repercussões negativas no processo de ensino / aprendizagem e nas dinâmicas de inclusão social, é prioridade do Estado e das comunidades locais a preservação de um ambiente favorável ao normal desenvolvimento do aluno.

Para a problemática do *bullying* interessa-nos sobretudo, referir os objectivos que se relacionam directamente com a prevenção da violência, tais como os previstos no artigo 1º regulamento do Programa Escola Segura: (b) fomentar o civismo e a cidadania, contribuindo deste modo para a afirmação da comunidade escolar enquanto espaço privilegiado de integração e socialização; e) promover a realização de acções de sensibilização e de formação sobre a problemática da prevenção e da segurança em meio escolar, destinadas às forças de segurança, pessoal docente e não docente e demais elementos da comunidade educativa e à opinião pública em geral; f) recolher informações e dados estatísticos e realizar estudos que permitam dotar as entidades competentes de um conhecimento objectivo sobre a violência, os sentimentos de insegurança e a vitimação na comunidade educativa. A título de exemplo referem-se como tipos de ocorrências que constam no relatório de 2007/2008 os actos contra a liberdade e integridade física das pessoas; os bens e equipamentos pessoais; os bens e equipamentos escolares; contra a liberdade e autodeterminação sexual; a honra e o bom nome das pessoas.

Outro documento resultante do trabalho conjunto entre o Ministérios, neste caso o da Educação e o Ministério da Saúde, que contempla a problema do *bullying* é o Programa

Nacional de Saúde Escolar, publicado no Despacho n.º 12.045/2006 (2.ª série, que revoga a Circular Normativa n.º 13/DSE, de Agosto de 1995). Neste programa é delineada uma estratégia de intervenção global, organizada numa Agenda da Saúde Escolar que contempla quatro domínios: a saúde individual e colectiva; a inclusão escolar; o ambiente escolar; e os estilos de vida. No âmbito deste trabalho é este último domínio que merece maior destaque dado que os estilos de vida são um conjunto de hábitos e comportamentos de resposta às situações do dia-a-dia, apreendidos através do processo de socialização e constantemente reinterpretados e testados, ao longo do ciclo de vida (Despacho n.º 1916/2004 , 2ª série, de 28 de Janeiro). No contexto da intervenção de Saúde Escolar, uma das áreas prioritárias da prevenção de comportamentos de risco é a violência em meio escolar, incluindo *bullying* e comportamentos autodestrutivos. De acordo com este documento, na escola, o trabalho de promoção da saúde aposta nos alunos naquilo que eles sabem e aquilo que devem fazer para se proteger, desenvolvendo em cada um a capacidade de interpretar o real e actuar de modo a induzir atitudes e/ou comportamentos adequados. Neste processo, reveste-se de fulcral importância o empenho de cada criança ou jovem no desenvolvimento da autonomia e de competências para o exercício pleno da cidadania. Nesta perspectiva, é necessário que os estabelecimentos de educação e ensino olhem para os alunos como parceiros, com potencialidades e responsabilidades a desenvolver, para que sejam eles próprios agentes activos da mudança.

2.5.3. Papel do professor / director de turma em relação à violência

Ao abordar o tema da violência na escola, um elemento da comunidade escolar em que se focaliza a atenção é no professor que desempenha o cargo de director de turma. Nos documentos normativos verifica-se que lhe são atribuídas funções específicas, dado que é particularmente responsável pela adopção de medidas tendentes à melhoria das condições de aprendizagem e à promoção de um bom ambiente educativo, competindo-lhe articular a intervenção dos professores da turma e dos pais e encarregados de educação e colaborar com estes no sentido de prevenir e resolver problemas comportamentais ou de aprendizagem (Lei nº 3/2008 de 18 de Janeiro, Artigo 5º)

No Decreto-Lei nº115-A/98, de 4 de Maio (relativo ao regime de autonomia, administração e gestão das escolas), atribui-se ao director de turma a função de coordenar o desenvolvimento do chamado plano de trabalho da turma, substituído mais tarde pelo projecto curricular de turma. Posteriormente, surge o Decreto Regulamentar nº10/99, de 21 de Julho,

no qual são definidas as funções do director de turma. Neste, entre outras competências apontam-se a articulação entre todos os professores da turma e com os alunos, pais e encarregados de educação; a promoção de comunicação e formas de trabalho cooperativo entre professores e alunos; a coordenação, com os docentes da turma (...) da adequação de actividades, conteúdos, estratégias e métodos de trabalho à situação concreta do grupo e à especificidade de cada aluno; a coordenação do processo de avaliação dos alunos (Artigo 7º). Parecem funções muito diversificadas e de grande responsabilidade, que apontam para tarefas de coordenação e de gestão, de comunicação, que implicam o estabelecimento de relações interpessoais de diferentes tipos e com diversos interlocutores da comunidade educativa.

Em relação a situações de *bullying*, o director de turma deve convencer os alunos que o primeiro passo para superar o *bullying* é a denúncia da vítima, esclarecendo que não é um acto de “fazer queixinhas” mas um contributo para combater um comportamento que não pode ser ignorado e que traz consequências nefastas para os que nele são envolvidos. O professor deve abordar o tema, transmitir confiança aos alunos para que estes possam explicar a situação e garantir que solucionarão o problema. Deve ainda lembrar que a escola prevê medidas correctivas e disciplinares sancionatórias visando a correcção do comportamento perturbador e o reforço da formação cívica do aluno, com vista ao desenvolvimento da sua personalidade, da sua capacidade de se relacionar com os outros, da sua plena integração na comunidade educativa, do seu sentido de responsabilidade e das suas aprendizagens (Lei nº 3/ 2008, artigo 24º).

Como se depreende, o director de turma tem a obrigação estar atento e de pôr em prática as normas estabelecidas pelo Ministérios e pela escola no seu Regulamento Interno. No entanto, uma das dificuldades com que se depara é a falta de formação específica na área da violência na escola. No que concerne às tarefas burocráticas (como por exemplo, verificação e justificação de faltas, preenchimento de documentos, elaboração de actas e relatórios) perante as dúvidas recorre ao Conselho Executivo ou ao Director da escola, ao coordenador dos directores de turma e conta com o auxílio dos pares. Quando tem entre mãos situações de *bullying* está um pouco inseguro porque sente da parte da maioria dos seus pares falta de respostas uma vez que também têm o mesmo *handicap* e, na maioria as vezes, actuam de acordo com a sua intuição e o designado bom senso.

2.6. Estratégias para abordar o fenómeno do bullying em contexto escolar

O fenómeno da violência está intimamente associado aos princípios fundamentais da democracia e à defesa dos direitos humanos pelo que a tarefa da prevenção/ combate à violência em meio escolar é da responsabilidade de todos no geral e da comunidade educativa e das entidades relacionadas com a escola em particular.

Torna-se então necessário delinear estratégias para cumprir com sucesso esta missão.

Como começar? Não é fácil uma vez que, como já foi referido, o *bullying* é um fenómeno velado e silenciado, de carácter multifactorial, com diferentes expressões e múltiplas causas (Amado e Freire, 2008). Parece então que o primeiro passo será falar do problema, mesmo sem saber quantos casos existem, note-se que segundo Pereira (2004) que não há nenhuma escola sem *bullying no entanto*, acordo com esta investigadora, os estudos sugerem que é possível criar um clima moral na escola em que o *bullying* não seja tolerado.

Com base na literatura, verifica-se a implementação de programas *anti-bullying* tem obtido resultados positivos na medida em que se constatou uma diminuição das percentagens dos actores desta problemática.

O programa pioneiro de intervenção coordenado por Olweus (1987) foi descrito no livro com o título: *Bullying at School – What we know and what we can do* (Pereira, 1997), apresenta um conjunto de medidas para prevenir e combater o *bullying* sendo aquelas agrupadas em quatro dimensões, desde as de âmbito mais geral, os pré-requisitos necessários, até às mais específicas, que se encontram sistematizadas no Quadro 4.

Quadro 4 – Medidas para combater o bullying

MEDIDAS	Pré-requisitos gerais: a pré-disposição para trabalhar no projecto e o envolvimento dos professores;
Na escola	<ul style="list-style-type: none">- fazer o diagnóstico da situação, questionando os alunos;- melhorar a supervisão nos recreios;- promover o dia de conferência na escola sobre os problemas do <i>bullying</i>;- dinamizar reuniões de professores e pais;
Na sala de aula	<ul style="list-style-type: none">- instituir regras contra o <i>bullying</i> e prever sanções para o não cumprimento das mesmas;- fazer dramatizações;- apresentar literatura sobre <i>bullying</i>;- aprendizagem cooperativa;
A nível individual:	<ul style="list-style-type: none">- conversa com os agressores, com as vítimas e os pais dos alunos envolvidos.

No Reino Unido, Whitney & Smith (1993; citado por Pereira, 1997) a planificação do programa *anti-bullying* implementado em várias escolas, assentou na política educativa global de escola, *whole-school policy anti-bullying*. Cada escola poderia autonomamente optar pelas medidas e estratégias que considerasse mais adequadas, como as estratégias de currículo, podendo estas passar pelo visionamento de filmes ou vídeos para serem discutidos em aula, dramatizações, análise de histórias e técnicas de *role-play*; os círculos de qualidade (*quality circles*) que pressupõe o envolvimento dos alunos pelos designados grupos a fim de eles próprios detectarem os problemas e procurarem soluções; o treino de assertividade para as vítimas, proporcionando-lhes mais competências sociais necessárias para se relacionar em grupo, para , por exemplo, dizer “não” sem receio; o método de Pikas ou de preocupação partilhada (*method of shared concern*) que implica o trabalho directo com os agressores; o aconselhamento pelos pares (*peer counselling*); o melhoramento dos recreios e de trabalho, por exemplo, manter supervisores à hora de almoço (professores, directores das escolas, pais e técnicos especializados) para a criança se sentir apoiada e pedir ajuda para solucionar os seus problemas.

Actualmente, os programas supra citados, dado o grau de consecução dos seus objectivos propostos, ainda servem de modelo para delinear estratégias de prevenção combate ao *bullying* em diversos países. A multiplicidade de abordagens ao problema e a diversidade de estratégias implementadas nestes estudos servem de base quer para aqueles que intuitivamente sentem necessidade de agir, mas não sabem como fazê-lo, devido à falta de formação, quer para os investigadores.

Exemplos bem sucedidos podem ser encontrados em todo o mundo, desde trabalhos individuais e comunitários em pequena escala, até políticas nacionais e iniciativas legislativas.

A Associação Brasileira Multiprofissional de Proteção à Infância e à Adolescência (ABRAPIA) desenvolveu o Programa de Redução do Comportamento Agressivo entre Estudantes. O estudo ter sido realizado em pouco mais de 1 ano, de Setembro de 2002 a Outubro de 2003, indicou que era possível reduzir a agressividade entre os estudantes, favorecendo o ambiente escolar, o nível de aprendizagem, a preservação do património e, principalmente, as relações humanas (Neto, 2005)

Smith et al.(2004) num estudo que compara os maiores projectos de intervenção contra o *bullying*, desde 1980, nas escolas na Europa, América do Norte e Australásia reconhecem os esforços dos países para tratar este problema universal mediante a criação de estratégias que depois de avaliadas permitiram obter mais informação sobre o fenómeno. Parece consensual que prevenir, quanto mais cedo melhor.

Em Espanha, o Projecto SAVE (Sevilla Anti-Violencia Escolar) aposta na intervenção em duas dimensões: a *convivencia* e a actividade (Ortega e Mora-Merchán, 2004). A coexistência implica o espírito de solidariedade, fraternidade, harmonia, o desejo de entendimento mútuo e a resolução de conflitos através do diálogo. Nesta perspectiva cada escola é apresentada como unidade de *convivência* onde pessoas diferentes (alunos, professores e pais) estão ligados para o bem e para o mal. De acordo com os autores do programa, três aspectos são fundamentais na planificação do mesmo: a gestão democrática das relações interpessoais (explicitação de regras a cumprir, liberdade e igualdade entre os alunos); o trabalho cooperativo (na partilha de ideias, actividades, críticas e avaliação) e educação para atitudes a valores. Neste programa algumas das técnicas utilizadas foram o *role-play*, análise de textos dos media, estudos de caso e materiais produzidos pelos professores sobre solidariedade, auto-estima, respeito, auto-conceito. Foi ainda programada uma intervenção directa com alunos em risco ou envolvidos em *bullying*, sendo propostos seis programas: círculos de qualidade, mediação de conflitos, suporte de pares, método de *Pikas*, treino de assertividade e treino de empatia. Os resultados deste trabalho revelam que diminuiu significativamente o número de vítimas, e o facto de, nas escolas, ter havido uma melhoria ao nível das relações interpessoais funcionou como factor de protecção dos alunos. Outra consequência positiva do programa foi facto de a comunidade educativa tomar consciência do *problema do bullying* e da necessidade de intervenção e apoio às vítimas e agressores; passando a solicitar informações sobre o SAVE e a manifestar interesse em o implementar. Ortega e Mora-Merchán (2004) concluem que ainda há muito trabalho a fazer nesta área e que é preciso investir na pesquisa e na intervenção.

Em Portugal, o programa implementado por Pereira (1997) assenta em três princípios: a comunidade educativa reconhece o problema, é criado um grupo de trabalho com ligação directa à direcção da escola e procede-se ao diagnóstico da realidade, a partir do qual a equipa coordenadora do projecto vai definir as medidas de intervenção. O processo de intervenção deve ser organizado em parceria com os investigadores, sendo o interesse das instituições (escola e universidade) convergente na procura de soluções que, aplicadas naquele contexto, sejam eficazes.

Tendo verificado que os recreios escolares são o local da escola onde os problemas de violência são mais frequentes, foi necessário proceder a um levantamento das características dos recreios e propor medidas para a sua requalificação. A investigadora referiu que o envolvimento de uma equipa de docentes de cada escola, dos conselhos

executivos e a inclusão da proposta do programa nos respectivos projectos educativos das escolas foram determinantes para o seu sucesso.

Carvalhosa e Matos (2005) no âmbito do Projecto Aventura Social e Saúde fizeram, entre outras, a análise da violência na escola e a relação dos alunos com os professores. Os resultados parecem evidenciar que os jovens que consideravam que os professores não os encorajavam a expressar os seus pontos de vista estavam mais frequentemente envolvidos em comportamentos de provocação. Os que referiam ser tratados pelos docentes de forma injusta também estavam mais envolvidos em comportamentos de provocação quer como vítimas, quer como agressores. Os que achavam que os professores não os ajudavam quando era necessário e que não se interessavam por eles como pessoas, envolviam-se mais como vítimas, provocadores e também nos dois papéis em simultâneo.

No decorrer do ano lectivo 2007/2008 e 2008/2009 um outro projecto da investigadora Carvalhosa está a ser implementado nas escolas aderentes (Escola Sec. José Gomes Ferreira, Centro Educativo da Bela Vista, Escola Prof. Lindley Cintra e Escola Sec. Daniel Sampaio) cujo público alvo são alunos, educadores/professores, auxiliares de acção educativa, pais/encarregados de educação, profissionais de saúde e elementos da comunidade. Está prevista a elaboração de um manual de apoio e a publicação dos resultados da implementação do programa.

Para concluir, considera-se prioritário encorajar os alunos a participarem activamente da supervisão e intervenção nos actos de *bullying*, pois a denúncia da situação pelas testemunhas demonstra aos provocadores que eles não terão o apoio do grupo. Na literatura encontram-se diferentes estratégias que cada professor poderá implementar recorrendo a diversas técnicas de acordo as situações problemáticas. Os docentes devem lidar com os casos de *bullying*, e resolvê-los efectivamente, enquanto as escolas devem aperfeiçoar suas técnicas de intervenção e procurar a cooperação de outras instituições, como os centros de saúde e redes de apoio social

Deve falar-se desta temática para que os envolvidos (agressores, vítimas e testemunhas) sintam que afinal há pessoas interessadas em fomentar um clima de bem-estar e em ajudar os alunos a saber-ser e a saber-estar. Numa escola atenta ao problema, a vítima em vez de ser ridicularizada deve receber apoio dos pares e dos adultos. Só numa escola sensibilizada para o *bullying*, os observadores passivos de práticas de violência podem ter um papel determinante na ajuda às vítimas, em vez da habitual atitude de indiferença “não é nada comigo, não me vou meter”.

CAPÍTULO III – ESTUDO EMPÍRICO

A emergência de notícias nos *media* acerca do *bullying* em contexto escolar implica uma reflexão sobre a percepção do fenómeno nas escolas em Portugal. Na tentativa recolher a percepção dos professores sobre a problemática podem usar-se os métodos qualitativos pois, apesar de não permitirem a generalização e comparação proporcionada pelas técnicas quantitativas facilitam um entendimento mais profundo e idiossincrático sobre a forma como cada um percebe o problema em questão.

A abordagem qualitativa define-se como um método interpretativo, cuja análise de dados não envolve procedimentos estatísticos ou outros meios de quantificação, como forma de identificar conceitos e relações na informação recolhida, colocando em evidência o interesse pelo significado que as pessoas dão à vivência de um determinado fenómeno (Afonso, 2005).

Considerámos elementos da investigação qualitativa as fontes de dados, o investigador como principal instrumento de recolha, a descrição e análise dos elementos recolhidos.

3.1.Objectivos

Neste contexto o objectivo geral deste estudo é explorar a percepção que os professores têm face à problemática do *bullying*; como detectar, prevenir e combater atitudes de violência sistemática entre pares. Os objectivos específicos são:

- 1- explorar o conceito que os docentes têm de *bullying*;
- 2 - caracterizar os sujeitos envolvidos em violência escolar;
- 4 - conhecer o papel da escola e do professor na prevenção / combate ao problema;
- 5 - identificar o tipo de formação para abordar esta temática /problemática.

3.2. Sujeitos

Numa metodologia de base qualitativa o número de sujeitos que virão a compor o quadro das entrevistas dificilmente pode ser determinado à priori, tudo depende das informações obtidas em cada depoimento. Enquanto forem aparecendo dados novos ou pistas relevantes para a investigação em curso as entrevistas devem continuar a ser feitas. Participaram neste estudo seis sujeitos cujos dados sócio-demográficos solicitados na

entrevista são: o sexo, a idade, as habilitações literárias, o grupo disciplinar, o tempo de serviço, a situação profissional e o desempenho do cargo de director de turma.

Considerando que alguns sujeitos são “informadores-chave” (estão mais dispostos a falar, têm mais experiência do contexto ou são mais intuitivos em relação às situações), a escolha dos informantes não foi aleatória. Foi tida em atenção a questão do género, dado que maioria dos docentes são professoras, foram entrevistadas quatro sujeitos do sexo feminino e dois do sexo masculino, com idades compreendidas entre os 36 anos e 59 anos. Foram entrevistados professores representativos de todos os Departamentos Curriculares da escola: Línguas, Ciências Exactas, Expressões, Ciências Sociais e Humanas para uma visão global da percepção do *bullying* de professores de diferentes disciplinas. Um elemento do Conselho Executivo foi também entrevistado, uma vez que tem acesso directo a informações sobre eventuais situações de violência escolar, sendo da competência deste órgão a instauração de sanções disciplinares. Todos os participantes fazem parte do quadro da escola, justificando-se esta opção pelo facto de terem um conhecimento mais profundo do meio em que estão inseridos e sobre a ocorrência de problemas de comportamento anti-social. Foi ainda tido em conta o facto de professores desempenharem ou não o cargo de director de turma a fim de compreender se este cargo tem influência no modo como percebem o problema

3.3. Instrumentos

A entrevista

A realização de entrevistas constitui uma das mais importantes técnicas de recolha de dados numa investigação qualitativa, pois permite explicar e inserir num contexto mais lato aquilo que é visto e experienciado pelo investigador. Consiste numa interacção verbal entre o entrevistador e o respondente (Afonso, 2005), tendo sido descrita como uma conversa que tem o objectivo de extrair determinada informação do entrevistado (Moser & Kelton, 1971, citado por Bell, 1997) e que permite aceder à perspectiva do outro, explorar intenções, sentimentos, pensamentos, ideias e indagar motivos (Bell, 1997).

A maioria das entrevistas realizadas na etapa de recolha de dados de pesquisa situa-se entre o ponto completamente estruturado e o ponto completamente não estruturado do *continuum* de formalidade (Bell, 1997). À medida que se recolhem os depoimentos, vão sendo levantadas e organizadas as informações relativas ao objecto da investigação e, dependendo do volume e da quantidade delas, o material de análise torna-se cada vez mais consistente e denso. Quando já é possível identificar padrões simbólicos, práticas, sistemas classificatórios, categorias de análise da realidade e visões do mundo do universo em questão,

e as recorrências atingem o que se convencionou chamar de “ponto de saturação”, dá-se por finalizado o trabalho de campo, sabendo que se pode (e deve) voltar para esclarecimentos. (Duarte, 2002)

Em geral, distingue-se entre entrevistas estruturadas, não estruturadas e semi-estruturadas (Afonso, 2005), sendo estas usadas em função dos objectivos que se pretendem atingir com a investigação.

No contexto desta investigação procedeu-se à elaboração do guião da entrevista semi-estruturada, (Anexo II) composto por um articulado, coerente e sequencial de perguntas, de forma a evitar desvios em relação aos objectivos definidos por este estudo. As entrevistas semi-estruturadas são conduzidas a partir de um guião que constitui o instrumento de gestão deste tipo de entrevistas, estando organizado por objectivos, questões e itens ou tópicos. A cada objectivo corresponde uma ou mais questões (Afonso, 2005). Ao serem seleccionados os tópicos sobre os quais a entrevista incidirá, há que procurar ordená-los de forma a considerar os assuntos a abordar e o modo de colocar as questões, possibilitando estabelecer um relacionamento empático com o entrevistado. Embora a formulação de questões seja importante, não é necessário precisar o uso de termos, mas há que tornar a linguagem compreensível para todos os entrevistados. O entrevistador coloca as questões, sendo que ao entrevistado é permitida a liberdade de falar sobre o assunto e de exprimir as suas opiniões (Bell, 1997).

O conteúdo do guião da entrevista, construído no âmbito desta investigação, foi elaborado a partir da integração de informação presente na literatura científica sobre a temática do *bullying*, com as questões colocadas pretendemos recolher informações sobre o “olhar” do entrevistado sobre a problemática da violência em meio escolar; qual é a sua visibilidade, o que se deve fazer para promover um clima de bem estar na escola. Em termos gerais, **o guião** utilizado neste trabalho organiza-se da seguinte forma: primeiro, os **dados demográficos** do sujeito; segundo, ***Bullying em meio escolar***, secção em que é explorado o conceito, o factor de preocupação perante a sua ocorrência, a prevalência do fenómeno e o perfil dos envolvidos; terceiro, a **detecção do fenómeno**, faz-se o levantamento de situações de *bullying* vivenciadas ou conhecidas e são recolhidas informações sobre os protagonistas, os locais onde ocorreram situações de *bullying* e as medidas tomadas; quarto, é abordado o **papel da escola, do professor e do director de turma**, a actuação dos docentes perante estes casos de *bullying*; quinto, **medidas e estratégias a adoptar**, parte em que se exploram as sugestões dos docentes para a prevenção do *bullying* e as necessidades de formação nesta área.

3.4. Procedimento

Na preparação da entrevista foram realizados alguns procedimentos necessários num trabalho de investigação, que tem de programar as fases e o *timing* do trabalho com especial cuidado a fim de cumprir prazos estabelecidos. Começou-se por preparar o guião da entrevista. De acordo com Gomes (2006) se o investigador pretende realizar mais de uma entrevista é importante cumprir alguns critérios básicos de uniformidade na utilização do guião, formulando as questões de acordo com o modelo sugerido e garantindo situações de aplicação similares, através da sua realização em locais próprios, onde a confidencialidade e a privacidade estejam asseguradas.

No âmbito deste trabalho, para a recolha de dados junto de professores, foi enviada uma carta ao presidente do Conselho Executivo da escola, a solicitar autorização para a realização do projecto de investigação (Anexo I). Depois de obtido um parecer favorável desta entidade, procedeu-se ao contacto informal com os docentes da escola, tendo sido informados, individualmente, dos objectivos do trabalho que se pretendia desenvolver, da necessidade de fazer uma entrevista e de a gravar em suporte áudio. Tendo-se prontificado a colaborar neste projecto, foi agendada previamente uma hora compatível com os horários e com a disponibilidade de cada sujeito.

As entrevistas (Anexo III a Anexo VIII) foram gravadas, em dias diferentes, na escola, com privacidade, numa sala destinada a reuniões. Aos participantes foi explicado com detalhe o objectivo das entrevistas, a sua inserção no projecto de investigação e a importância do seu contributo para o enriquecimento do estudo. Foi ainda assegurado o anonimato e as usuais garantias éticas de confidencialidade das respostas.

Ao realizar a entrevista o entrevistador procurou ser neutral e não ajuizar, não argumentar, ser sensível às mensagens verbais e não verbais, ser bom ouvinte.

Após a realização das entrevistas, procedeu-se à leitura e organização de todo o material de acordo com Afonso (2005), ou seja, em seis fases de procedimentos analíticos do material de campo: a organização dos dados, a produção de categorias, temas e padrões, a codificação dos dados, a testagem das interpretações que vão emergindo, a busca de explicações alternativas e a produção do texto final.

Numa primeira fase, procedeu-se à leitura sistemática de todo o material e organizou-se de modo estruturado para facilitar a sua consulta.

Na segunda fase, a produção de categorias resultou da interacção entre os dados recolhidos, as regularidades, padrões ou tópicos foram emergindo da leitura analítica dos texto, permitindo a construção de uma grelha de categorias .

Nesta fase do trabalho, para tratar a entrevistas seguimos técnicas de análise de conteúdo (Bardin, 1997). A análise de conteúdo constitui um conjunto de técnicas de análise de comunicações, marcado por uma grande disparidade de formas e adaptável a um campo de aplicação muito vasto. Inicia-se geralmente com uma operação de categorização. O principal objectivo desta fase de categorização é de acordo com Bardin (1995) fornecer por condensação uma representação simplificada dos dados brutos.

As categorias são classes que reúnem um conjunto de elementos (unidades de análise) sob um título genérico, agrupamento esse efectuado com base nos caracteres comuns desses elementos. Estes elementos são repartidos à medida que vão sendo encontrados procedimento por “caixas”); este sistema resulta da classificação analógica e progressiva dos elementos (procedimento por “milha”) e é o mais utilizado na educação qualitativa.

A terceira fase consiste no processo de codificação através do qual é atribuído um código a cada categoria e todo o material é codificado, segmentado em unidades de análise ou de sentido. (Anexo IX)

Na fase seguinte é feita a sistematização, são encontrados pontos comuns e divergentes para produzir o texto final.

3.5. Resultados

O Quadro V que se segue é uma síntese da informação recolhida, nas seis entrevistas realizadas, devidamente agrupada por unidades de análise.

Quadro 5 - Descritivos das categorias e subcategorias

CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS
Categoria I Fenómeno do <i>Bullying</i> - conhecimentos dos professores acerca da problemática do <i>bullying</i> em contexto escolar.	1.1. formas de <i>bullying</i> - afirmações dos entrevistados sobre as diferentes formas de violência;
	1.2. frequência/ periodicidade - afirmações que remetem para o facto de o <i>bullying</i> não ser visto como um episódio isolado;
	1.3. factor de preocupação - afirmações relacionadas com o grau de preocupação atribuído ao problema;
	1.4. prevalência - a estimativa, a percentagem da ocorrência de <i>bullying</i> na escola;
	1.5. espaços de ocorrência - identificação dos espaços físicos mais propícios à prática de actos de violência
	1.6. manifestações - situações vivenciadas ou testemunhadas no seu percurso profissional dos docentes.
Categoria II Perfil dos envolvidos em <i>bullying</i> - forma como os professores caracterizam os actores desta forma de violência.	2.1. o agressor - opiniões sobre os indicadores da sua agressividade, (por exemplo, o seu aspecto físico, o comportamento assumido face aos pares).
	2.2. a vítima - as características pessoais e os sinais vitimização que a mesma pode apresentar.
	2.3. a vítima provocativa - a simultaneidade de características quer de agressor, quer de agredido.
Categoria III Bullying: percepção do fenómeno. - consciência da existência deste problema em contexto escolar.	3.1. visibilidade - relatos de situações conhecidas.
	3.2. observação directa do professor - o “olhar” do professor, a capacidade para detectar manifestações agressivas.
	3.3. colaboração dos pares - as informações obtidas através dos alunos sobre a ocorrência de <i>bullying</i> .
Categoria IV Presenças/ intervenção face ao <i>Bullying</i> - papel desempenhado pela escola e pelos professores perante situações de comportamentos anti-sociais.	4.1. papel da escola - as opiniões sobre os deveres desta instituição.
	4.2. papel do professor - os deveres dos docentes.
	4.3. papel do director de turma - a responsabilidade inerente ao desempenho deste cargo.
	4.4. sugestões de estratégias e actividades - a tentativa de solução ou minimização do problema.
Categoria V Formação de professores - diagnosticar sobre a formação oferecida ou procurada nesta área.	5.1. formação ocasional - acesso não premeditado a informações.
	5.2. formação específica - cursos ou acções de formação na temática do <i>bullying</i> .
	5.3. auto-formação - a pesquisa e o trabalho autodidacta.

No que concerne ao conhecimento dos professores sobre o *bullying* em meio escolar, especificamente quanto às **formas de bullying**, todos os sujeitos consideram o *bullying* uma forma de violência física “agressão física” e/ou psicológica, tendo apresentado como exemplos: o “fazer chacota” (S1); “a agressão verbal” e o “deitar abaixo” (S2); a extorsão de pertences “tudo o que tens, dá-me para cá” (S2); “as brincadeiras de mau gosto” (S3); a “chantagem” (S4), o *cyberbullying* “feito através do computador”(S1). Neste contexto, dois sujeitos consideram a agressão psicológica “ talvez a mais grave” (S1) porque “afecta (e muito) alguns alunos” (S5).

Em relação à **prevalência / periodicidade** dois sujeitos apontam o facto de o *bullying* não ser visto como um episódio isolado, referem o carácter intencional e sistemático do *bullying* ao afirmar que há alunos que se metem com outros “de forma sistemática” e num “contínuo de brincadeiras de gozo”(S3) e que revelam “ intenção e sistematização dessa agressividade” (...) sendo uma realidade que vai surgindo de uma” forma mais acutilante” (S6).

Quanto ao *bullying* como **factor de preocupação** dos professores, as afirmações sugerem que este fenómeno é encarado com preocupação por parte de todos os sujeitos, tendo sido apresentadas diferentes justificações para tal: a necessidade de haver um bom ambiente escolar em que “todos os pares estejam bem” (S1), a integridade física e o bem estar psicológico das pessoas” (S4); o rendimento escolar do aluno que “certamente irá ser influenciado por esse mau estar”. A preocupação manifestada traduz-se ainda na tomada de consciência de que o professor/educador tem de estar atento ao fenómeno “devemos estar alerta” (S3); tem de intervir “não podemos ficar de braços cruzados” (S1) e deve ainda fazer “alguma reflexão” (S6) sobre a existência do *bullying* no seu local de trabalho.

Relativamente à **prevalência** do *bullying* em contexto escolar, verifica-se por parte dos sujeitos uma grande dificuldade em apontar uma estimativa ou quantificar as taxas de *bullying* na sua escola: “ não consigo” (S6), “é difícil”, (S4, S5) “não sei” (S1); “é uma situação que cada vez existe mais” (S2); “há maior *bullying* no 3º ciclo” (S1, S6). Algumas respostas são vagas e revelam indecisão “ as coisas vão passando despercebidas” (S5), “ vai aparecendo um ou outro caso de que se tem conhecimento” (S6), “pode acontecer com muita frequência, noutras com menos” (S1). Três sujeitos realçam as diferenças entre as escolas dos grandes centros e do litoral e comparativamente com as do interior, considerando o problema mais grave nas primeiras: “ será mais nas grandes cidades, em zonas más” (S3), “a nível nacional, as zonas litorais” (S1), “não é na nossa escola grande realidade” (S6), na Covilhã

“será uma percentagem reduzida” (S3). Apesar da incerteza, cinco sujeitos tentam apontar uma estimativa que não é consensual cujas percentagens se situam entre o “residual” (S3), “ 5 a 10% “ (S2), “ na ordem do 10%” (S5), “menos de 20%” (S1) e o oposto “ é muito elevada” (S4).

Quando questionados sobre **locais de ocorrência** de *bullying*, três sujeitos referem como espaço de violência a “sala de aula” (S1, S4, S6), apontando também, tal como os restantes sujeitos, locais fora de aula: “ na zona de recreio” (S2, S3), “ nos pátios” (S4, S6), nos balneários (S3), em zonas “fora do olhar dos adultos” (S2).

No que se refere às **manifestações** de violência escolar, os sujeitos referem situações de *bullying* que chegaram ao seu conhecimento, tais como a extorsão de dinheiro ou de pertences “ estava a ser pressionado (...) para pagar no bar” (S1), “ era obrigado a dar os lanches”(S2); a exclusão social “ não o escolhiam para grupos de trabalho (...) não almoçavam junto delas (...) criticavam o tipo de vestuário” (S5) e a agressão física “ constatei directamente” (S4) e racial “havia alguma situação de racismo” (S6).

Globalmente, o fenómeno do *bullying* em meio escolar é conhecido pelos professores e um factor de preocupação. Identificam diferentes formas de agressão, apontam os locais da sua ocorrência e referem algumas das suas manifestações. No entanto, revelam pouco conhecimento no que diz respeito à prevalência do fenómeno na sua escola.

As questões colocadas aos entrevistados sobre o perfil dos actores em situações de *bullying* revelaram a visão dos sujeitos sobre o **agressor**, caracterizado como alguém que se assume mais forte, um líder com alguma popularidade “ o fanfarrão ... sentem que são superiores” (S2), “ o rufia, o valentão (...) tem a mania que é o espertalhão” (S4). Três sujeitos destacam outras características do provocador tais como o seu insucesso escolar e outros problemas externos à escola: “ não têm muito interesse pela própria escola (...) não são alunos com maior sucesso”, “ têm algumas frustrações, alguns complexos” (S3) , “ no seu percurso de vida podem ter vivências que se encaixem no perfil de agressor”(S6). No que concerne ao aspecto físico refere-se que tanto pode apresentar um aspecto “normal” ou se alguém que “por de sentir mais feio ou mais diminuído” (S1) agride os pares.

A vítima é vista como alguém que se distingue da maioria, “os miúdos (...) mais feios ou mais gordinhos” (S3); “têm uma deficiência física” (S4) ; fogem ao padrão estético “ o vestir fora de moda”(S3). São caracterizados como o “ mais tímido” (S1), mais fraco “ um alvo fácil” (S1), “manipulável” (...)com baixa auto-confiança (S2) e com “baixa auto-estima” (S2, S4) , apresentam um “ar amedrontado” (S4) e tem dificuldades de socialização “isola-se” (S4). Outra característica é a sua passividade “tem dificuldade de se impor junto

dos colegas” (S5) “acanham-se”(S 2), e incapacidade de reacção não só “por natureza” mas também “ por uma questão de educação” (S3) porque os pais lhes dizem que “quando lhes baterem, não devem reagir” (S3). Três sujeitos referem a **vítima provocativa**, considerando não haver um perfil único de agressores e agredidos (S1, S5) “há uma mistura” (S3), “pode (...) o agredido virar agressor” (S1).

Sistematizando, os entrevistados traçam o perfil dos actores de *bullying* (agressores e vítimas), apontando as respectivas características.

Ao questionar a percepção do *bullying* por parte dos docentes, é referido que **visibilidade** do fenómeno não é limitada aos dias de hoje; afirmam que as situações de *bullying* sempre aconteceram de forma mais ou menos visível “umas mais detectadas, mais provadas” (S2) , “mais discretas ou mais encobertas” (S3) e em diversos estratos sociais “ até em colégios particulares” (S6). No entanto, reconhecem que só recentemente se fala do caso “ só há poucos anos se começou a falar (...) há cinco, seis anos” (S5) e que é uma não só dos outros países mas também portuguesa “ era uma informação que vinha do exterior (...) afinal também nós estamos perante situações dessas” (S5).

Relativamente à detecção de situações problemáticas, referem que a **observação directa do professor** permite de detectar mais facilmente a agressão física e verbal “são visíveis as mazelas”(S5), “ mais facilmente talvez se identifique as vítimas” (S3) se bem as agressões se associem a “uma certa brincadeira” (S6) e não seja fácil “detectar as causas mais profundas dessas atitudes” (S6). A agressão psicológica é “difícil” ou “ muito difícil de detectar”(S3, S4) Os sujeitos indicam como sinais de alerta a mudança de comportamento dos alunos “ ele está diferente” (S3), quando “se isola constantemente (...) revela “instabilidade, medo” (S5) que pode repercutir-se na assiduidade “tentar fugir ao grupo, turma (...) à escola” (S5). Afirma-se ainda que a **colaboração dos pares**, as informações recolhidas através dos alunos, são um recurso que implica por parte do professor “estar alerta às histórias, àquilo que se ouve, aos comentários, as conversas” (S3), ela “sabem muito mais que nós, quem são as vítimas, quem são os agressores (S4)

De um modo geral, os sujeitos revelam que para detectar manifestações de *bullying* é importante estar atento àquilo que observam, à realidade que os rodeia e também aos comentários que os alunos fazem em relação às situações de violência na escola.

No que diz respeito à intervenção da escola perante o *bullying*, refere-se que o **papel da escola** é a abordagem ao problema de forma clara e directa, deve-se falar de bullying “não ser um tema tabu” (S1),“ a conversa (...) dialogar” (S3); apostar na prevenção prestando mais atenção ao problema “é necessário que a escola esteja muito atenta”(S6), “ os agentes da

comunidade educativa (...) pessoas, funcionários” (S4), “ a população docente como a população discente devia estar mais alertada” (S2) e deverá haver penalizações, “prevaricadores , acabam por não ser penalizados”(S2) contrariamente o mesmo sujeito que afirma “processos disciplinares (...) foram movidos” (S2); o pedido de colaboração a pessoas e entidades exteriores “ a escola deve chamar(...) psicólogos (...) a família (...) todos os meios que tem ao seu dispor (S5). Deverá haver uma actividade “consensual de toda a escola” dado que “é de todo benéfico que a intervenção se faça o mais adequadamente possível” (S6).

Relativamente ao **papel do professor**, considera-se importante evitar uma reacção impulsiva “ não agir de cabeça quente” (S1), deve “apaziguar (...) acalmar as coisas (...) averiguar as causas e depois explicar” (S4)”, “ agir em conformidade” (S ...), primeiramente resolver as situações com os envolvidos “falar, quer com o agressor, quer com a vítima” (S1) , “resolver primeiro as situações (..) com os seus alunos” (S2). Refere a responsabilização “é da responsabilidade de todos os professores do conselho de turma” (S2) e a atempada intervenção “o desejável seria intervir em momentos mais precoces (S6). Quanto ao **director de turma**, este é apontado como tendo um papel de destaque pela proximidade com o aluno “ será aquela pessoa que eles conhecem melhor”(S2); o director de turma está na posse de informações que outros não têm “mais precisas e rápidas do que a própria família” (S5), constitui um elo de ligação entre a escola e a família “ estabelece a ponte com os pais (...) vai articular todas as estruturas que giram à volta do aluno” (S3), é “ um elo de ligação com outros serviços”(S6). Para intervir aborda os alunos “ tiveram logo uma conversa com os próprios envolvidos” (S6) e, caso seja necessário, convoca os pais e encarregados de educação “ um encontro (...) com a presenças dos encarregados de educação de ambos os alunos” (S6). Foi ainda referido o seu efeito dissuasor face aos agressores “ com a ameaça da directora de turma intervir, os outros deixaram de o chatear” (S1). Outro aspecto focado foi a importância das aulas de Formação Cívica, normalmente atribuídas aos directores de turma , porque “pode desempenhar um papel importante” (S4), “ pode “tentar antecipadamente alertar p’rós problemas” (S3) , e saber se “os alunos se sentem constrangidos, se sentem pressionados pelos colegas” (S5).

Em suma, a problemática do *bullying* é não é da responsabilidade de um elemento da escola, mas um assunto que merece a atenção de todos. No entanto, é de destacar a importância do director de turma, visto como aquele que mais informações tem dos alunos (da sua direcção de turma), como coordenador dos processos e elo de ligação entre a escola e a família.

Em relação às **sugestões de estratégias e actividades** é mencionada a possibilidade da utilização das Novas Áreas Curriculares não Disciplinares (NAC) para sensibilização dos alunos “ nas aulas de Formação Cívica ou Área de Projecto” (S1), “estes assuntos devem ser tratados a nível da formação cívica” (S5) , pode-se “dar a conhecer o bullying (...) nas formações cívicas” (S6) ; a formação “acções de sensibilização e de preparação de professores” (S4); fomentar a criação de equipas com elementos interessados nesta problemática “ a psicóloga (...) “professores mais sensíveis a essas áreas “ para que se “fosse esbatendo o bullying na escola “ (S5); fazer formação para os elementos da comunidade educativa para “explicar como as coisas são, o que são como funcionam (...) consequências do que fazem” (S3); deve “haver formação para os professores, para os educadores, para os pais (...) quanto aos alunos, também”(S3) e para “os auxiliares de acção educativa e outros trabalhadores da escola” (S4); programar actividades com intervenientes e apoios externos à escola “palestras”(S6); utilizar metodologias activas com os alunos “ fazerem simulação de papéis” (S1) “o *role-play* “ para ver “ como é que se sente o agressor e o agredido”(S2) organizar “debates”(S2), visionamento de filmes “através de filmes” (S2, S5); e promover a reflexão a partir de casos concretos “uma situação real (...) ver o que foi feito para ultrapassar essa situação(S5). Foi também referida a necessidade de saber como detectar *bullying* e sugere-se que se “incluíssem nos inquéritos individuais dos alunos questões na base da sociometria “ (S5) para ver quais as relações que se estabelecem no grupo turma e quem está eventualmente a ser excluído e ainda distinguir os diferentes tipos de *bullying*: “o físico do *bullying* psicológico (...) o que é o suave *bullying* e (...) profundo; “o que se deve fazer”(S3). Um dos sujeitos sugere, à semelhança do que se verifica noutros países a “criação de comités *anti-bullying* (...) que engloba professores e alunos (S4). Outra estratégia indicada consiste na marcação no calendário escolar de “um dia para a sensibilização dos alunos para abordar estas temáticas” (S4);” reflectirmos em conjunto sobre como prevenir” (S6) situações de violência. Não ignorar o fenómeno “partilhar experiências (...) porque estas questões não têm sido muito faladas, não são muito realçadas” (S3).

Resumindo, as estratégias apontadas são diversificadas, dando-se especial ênfase à utilização da Formação Cívica para abordar a problemática do *bullying*. São sugeridas actividades que envolvam todos os elementos da comunidade educativa como a realização de palestras, debates, acções de (in)formação, dramatização.

No que concerne à **formação de professores** na área da violência escolar, são referidos diferentes tipos de formação: a **formação ocasional**, os sujeitos referem o acesso não premeditado a informação sobre a temática do *bullying* “ não posso dizer que seja mesmo

pesquisar (...) tenho lido (...) o que me vai chegando às mãos (S6), “se vir um artigo, eventualmente, sou capaz de ler (S3); a **formação específica** que nenhum dos sujeitos teve oportunidade de fazer “ não tive” (S1), “não fiz” (S2), “nunca fiz” (S3, S4), “formação específica ,não” (S6), “é uma coisa muito nova as pessoas ainda não estão preparadas” (S5). nem têm conhecimento se existe “ nem sei se há se não há” (S4) mas consideram-na necessária porque sentem que é uma falha na sua profissão “ fazia todo o sentido” (S4) , “considero-me um professor completamente impreparado (...) nunca ninguém me ensinou a agir” (S4), referem a necessidade de uma formação “ não demasiado teórica” (S6) e com o “intervenção de gente da área da psicologia”(S6) essencialmente baseada em casos concretos que forneça indicações sobre o modo de actuar do professor: “ trocas de experiências para sabermos detectar e como agir” (S1) “sabermos o que se deve fazer porque podemos estar a fazer (...) algo contraproducente” (S3), “explorar episódios que tenham sido relatados” (S2), “toda a formação que puder (...) ajudar –nos também a detectar alguns sinais” (S6) e a **auto – formação**, sendo o meio mais utilizado pelos sujeitos a procura de informação na internet “ pela internet”(S1, S2, S4,) seguido do recurso aos *media* “programas de televisão” (S3); da leitura “tenho lido algumas coisas(...) é uma temática (...) que estou mais ou menos atento” (S4); “tenho lido alguns artigos até de imprensa (...) jornais e revistas , essencialmente” (S6). “ li alguns artigos do estrangeiro (...) nunca vi algum estudo feito em Portugal, nem sei se existe”(S5). Referem ainda “a conversa informal com um colega” (S4) sobre o problema.

Para sintetizar, a formação sobre *bullying* é uma necessidade apontada por todos os entrevistados, dado que não se sentem preparados para lidar com o fenómeno do *bullying*.

IV- DISCUSSÃO /CONCLUSÃO

Neste estudo, os dados recolhidos nas entrevistas parecem indicar que no que concerne à definição do conceito de *bullying*, ao perfil dos agressores e das vítimas; ao facto de ser um fenómeno em crescimento e na necessidade da prevenção e combate desta forma de violência corroboram o constatado por outros estudos de investigadores, como por exemplo, Carvalhosa et al. (2002), Martins (2005), Pereira (2004) e Sebastião (2003). Contudo, foi sugerido por um entrevistado que os agressores podem não ter a consciência de ser praticantes de *bullying*, este é um pormenor que merece um trabalho específico de pesquisa, uma vez que não será consensual.

Em relação à prevalência do fenómeno, surgem opiniões contraditórias; enquanto para uns se trata de algo com uma frequência muito baixa, outros estão convictos que a taxa de *bullying* na escola é bastante elevada e que há situações que os adultos não conhecem, porque não são denunciadas. De acordo com Raimundo (2005) é impossível precisar a prevalência do *bullying* nas escolas, dado que é um fenómeno que constitui uma actividade secreta que ocorre longe da vista dos adultos. As afirmações proferidas parecem comprovar, que efectivamente, as situações de vitimização constituem uma realidade encoberta a que é necessário estar mais atento e, por outro lado, insistir na importância da sua denúncia para o sucesso no seu combate, como sugere Oliboni (2008). Outro dado que nos merece atenção é o facto de os sujeitos entrevistados não se referirem aos observadores ou testemunhas de *bullying* como potenciais agentes de mudança. Segundo Freire (2006) correspondem à maioria dos estudantes, pelo que, em nosso entender deverão constituir o público-alvo a sensibilizar para a prevenção e combate ao problema.

No que concerne aos espaços de ocorrência de *bullying*, os entrevistados apontam os recreios e os balneários como os mais propícios à prática de situações de violência. Deste modo, à semelhança do proposto por Pereira et al.(2004) consideramos que é necessário intervir nestas áreas, assegurando a sua vigilância. Esta investigadora revela que na Austrália, meia hora de supervisão antes e depois das aulas reduziu problemas de segurança nos recreios (Evans, 1990, citado por Pereira et al.,2004) e esta medida poderá ser um ponto de partida para a mudança de comportamentos nestes espaços. No entanto, os entrevistados não sugerem estratégias nem referem como poderá ser melhorada a supervisão dos espaços referidos. Provavelmente por considerarem ser uma tarefa fora da sua competência? Ainda neste contexto, alguns docentes admitem existir *bullying* nas salas de aula, não referindo disciplinas ou situações específicas. De acordo com a literatura, estas situações ocorrem

apenas com determinados professores caracterizados por uma liderança permissiva ou elevado absentismo escolar (Amado e Freire, 2002).

No que diz respeito à prevenção do *bullying*, é unânime o destaque dado ao director de turma como elo de ligação entre a escola e a família. Os docentes não referem explicitamente os documentos normativos, mas afirmam que tem um papel importante como mediador entre os conflitos, como coordenador do Projecto Curricular de Turma e dos contactos com os outros órgãos da escola, como o Conselho Executivo sempre que necessário. Por outro lado, como docente da área da Formação Cívica, é considerado “responsável” pela formação para a cidadania, conceito que segundo Branco (2007) acentua a dimensão do compromisso cívico, traduzido pelo reconhecimento dos outros e por uma experiência de lealdade em prol do bem comum.

Globalmente, será, antes de mais, fundamental a consciencialização do público em geral e da comunidade educativa em particular, para um problema que é vivido pelos jovens no nosso país. Os pais e os educadores devem estar atentos aos sinais e falarem abertamente com as crianças sobre este tema. Por sua vez, as crianças e jovens devem sempre procurar apoio caso se confrontem com uma situação de *bullying*. Sabendo que estas situações são principalmente vividas nas escolas, visto que, nos tempos que correm, é neste local que as crianças passam mais tempo entre os seus pares, importa aqui uma intervenção específica ao nível da prevenção. À semelhança das conclusões de diferentes estudos sobre *bullying* (Due et al., 2005; Martins, 2005; Pereira et al., 2004; Turagabeci et al., 2008) nas escolas será indispensável sensibilizar para a necessidade de detectar a tempo as manifestações agressivas; implementar estratégias de prevenção para diminuir ou eliminar a violência escolar. Verifica-se que embora os professores não tenham conhecimento específico sobre programas de intervenção implementados, algumas das estratégias por eles sugeridas estão de acordo com as descritas nos programas *anti-bullying* implementados em Portugal e noutros países, tais como, a título de exemplo, o de Pereira (1997) em Portugal, os de Olweus (1993) na Noruega, Smith e Sharp (1994) no Reino Unido e o projecto SAVE (Ortega e Mora-Merchán, 2004) em Espanha. Das actividades propostas para a escola, destacamos as reuniões com pais e encarregados de educação e os professores, e dinamização de palestras sobre a problemática do bullying e iniciativa de assinalar no ano lectivo escolar um dia *anti-bullying*. No espaço da sala de aula a aprendizagem cooperativa, as dramatizações, os debates a produção de textos alusivos à problemática em questão. Ao nível do trabalho individual com alunos salientamos a importância do diálogo com os agressores, as vítimas e os respectivos familiares; o treino de assertividade, o método de preocupação partilhada (*PiKas method*) e o

apoio de pares. Consideramos que a diversidade das sugestões já referidas nos permitem concluir que estamos no bom caminho.

Sintetizando, aos professores e aos técnicos especializados cabe promover a transmissão de valores como a tolerância e o respeito pelos outros através de acções específicas junto dos alunos, nomeadamente, planificar e executar projectos de forma lúdica e atractiva que promovam os direitos do Homem, a Democracia, a Liberdade e o bem estar.

Relativamente à formação de professores, é fundamental e urgente a formação dos elementos da comunidade educativa na área da violência escolar. Neste domínio, os professores e directores de turma revelaram não estar preparados para lidar com esta realidade quer na detecção quer nas formas de actuação perante o *bullying*, contudo manifestaram bastante interesse na formação, a fim de colmatar as dificuldades manifestadas. Todos os sujeitos já ouviram falar da problemática, contudo têm tido conhecimento sobre a mesma através da auto-formação recorrendo à internet ou a artigos de jornais e revistas.

O *bullying* não é uma realidade nova, mas sim um fenómeno crescente na nossa sociedade, ao qual se tem vindo a dar maior atenção, devido à mudança das expressões e formas de agressividade no contexto escolar. Para além dos profissionais de saúde, os actores educativos devem perceber o impacto devastador que este tipo de violência pode gerar, comprometendo o normal desenvolvimento da criança/jovem como pessoa segura e auto-confiante. Segundo Romero (2007) a vítima de *bullying* “morre” um pouco por dentro tal como uma planta que, privada dos recursos que necessita para viver acaba por morrer.

Um dos desafios da educação de hoje é a responsabilidade de deixar de excluir para incluir e de educar a diversidade dos seus públicos, numa perspectiva de sucesso de todos e de cada um. Na verdade, o conceito de não violência significa o respeito para com toda a pessoa e, para além de um dever pessoal, é uma obrigação sociopolítica cujo objectivo será alcançar a mudança social.

Como limitações de estudo, pode dizer-se que os resultados não são conclusivos. A amostra não permite generalizar os dados obtidos através das entrevistas realizadas. Apesar de, nos últimos 15 anos, a pesquisa sobre o fenómeno do *bullying* prevalecer em vários países há dificuldades em tirar conclusões porque cada investigador usa métodos e instrumentos diferentes. À semelhança de Carvalhosa (2002) propomos para futuros trabalhos de investigação projectos que utilizem os mesmos instrumentos para mais facilmente se poderem comparar estudos sobre *bullying*, sem diferenças na operacionalização deste conceito.

Como potencialidades deste estudo destaca-se por exemplo, o facto de explorar a percepção do professor sobre a problemática do *bullying* através de metodologias qualitativas, o que permitiu perceber a subjectividade do fenómeno subjacente a estratégias e filosofias de intervenção e/prevenção sobre o fenómeno.

Parece faltar nas escolas um programa articulado de combate à violência escolar. Os docentes interessados no tema vão abordando a temática na área da Formação Cívica ou na Área de Projecto através da realização de pequenos projectos, mas não há um envolvimento geral da comunidade educativa.

Como podemos mudar este cenário? Considerando que a finalidade investigação-acção, é modificar os comportamentos, os hábitos, as atitudes dos indivíduos ou populações, melhorar as relações sociais para assegurar uma melhor adaptação ou integração dos indivíduos ao seu meio ambiente (Frank, citado por Goyette, 1987) esta poderá ser a opção mais adequada para abordar a problemática do *bullying* na escola. Estabelecer protocolos, formar parcerias com entidades exteriores à escola, por exemplo, com o Departamento de Psicologia da Universidade da Beira Interior; conceber um plano para três anos que englobe uma fase de pesquisa e documentação; um período de formação e concertação; um tempo para a intervenção; e um período de avaliação que permita a fuga a perigosas simplificações, à desvalorização ou ao desconhecimento da verdadeira realidade no contexto escolar.

Para concluir, consideramos que mesmo sem projectos ou programas mais ambiciosos, cabe a cada professor abordar o assunto. É um erro pensar que numa escola não pode haver *bullying* porque “todos nos damos bem”, porque há um bom clima nas relações entre a comunidade educativa. Convém não esquecer que não há escolas sem *bullying* como afirma Pereira (2004) e que um professor pode fazer a diferença.

Parece-nos evidente que é necessário agir. Como diria o poeta: “É Hora!”.

Fica o apelo.

Referências

- ABRAPIA - Associação Brasileira de Multiprofissionais de Protecção à Criança e ao Adolescente. *Programa de Redução do Comportamento Agressivo entre Estudantes*. Retirado em 20 de Abril de 2007 de <http://www.bullying.com.br/>.
- Afonso, N. (2005). *Investigação naturalista em educação: Um guia prático e crítico*. Porto: Edições ASA.
- Amado, J. (2000). A técnica da análise de conteúdo. *Revista Referência*, 5, 53-63.
- Amado, J. e Freire, I. (2002). *Indisciplina e violência na escola – compreender para prevenir*. Lisboa: Edições ASA.
- Amado, J. e Freire, I. (2008) Definições, incidência e causas de violência em Portugal. Retirado em 28 de Janeiro de 2009 de www.bullying-in-school.info.pt.
- Bardin, L. (1995). *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70.
- Beanne, Allan L. (2006). *A sala de aula sem bullying - mais de 100 sugestões e estratégias para professores*. Porto: Porto Editora.
- Bell, J. (1997). *Como realizar um projecto de investigação*. Lisboa: Gradiva Publicações.
- Bond, L, Carlin, J. et al. (2001) Does bullying cause emotional problems? A prospective study of young teenagers. *British Medical Journal*, 323, 480-484. Retirado em 6 de Janeiro de 2009 de www.bmj.com.
- Branco, M. (2007). *A escola: comunidade educativa e a formação dos novos cidadãos*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Carvalho, A.D. (2002). *Novas metodologias em educação*. Porto: Porto Editora
- Carvalhosa, S., Lima L. e Matos, M. (2002). Bullying – A provocação/vitimação entre pares no contexto escolar português. *Análise Psicológica* 4, (XX), 571-585.
- Chizzotti, A. (2003). A pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais: Evolução e desafios. *Revista Portuguesa de Educação*, 16, (2), 221-236.

Decreto-Lei 6/2001 de 18 de Janeiro.

Despacho nº12.045/2006. (Programa Nacional de Saúde Escolar)

Despacho nº25 650/2006 (Ministérios da Administração Interna e da Educação).

Duarte, R. (2002). Pesquisa qualitativa: reflexões sobre o trabalho de campo. *Cadernos de Pesquisa*, 115, 139-154.

Due, P., Holstein, B. et al. (2005). Bullying and symptoms among school-aged children: international comparative cross sectional study in 28 countries, *European Journal of Public Health*, 15, (2), 128-132. Retirado em 7 de Janeiro de 2009 de www.eurpub.oxfordjournals.org/.

Fante, C.(2005). *Fenómeno Bullying. Como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz*. Campinas/Sp Brasil: Versus Editora.

Forero, R. et al. (1999) Bullying behaviour and psychosocial health among students in New South Wales, Australia: cross sectional survey. *British Medical Journal*, 319, 344-348. Retirado em 07 de Janeiro de 2009 de www.bmj.com.

Freire, I., Simão A. e Ferreira, A. (2006). O estudo da violência entre pares no 3º ciclo do ensino básico- um questionário aferido para a população escolar portuguesa. *Revista Portuguesa de Educação*, 19,(2), 157-183.

Georgiou, S.N. (2008) Bullying and victimization at school: The role of mothers; *British Journal of Educational Psychology*, 78, 109-125.

Gomes, A. (2006). Stress ocupacional e estratégias de confronto: desenvolvimento de um guião de entrevista para diferentes profissões. Actas da XI Conferência Internacional de Avaliação Psicológica: formas e contextos, Braga, Outubro 2006.

Haber, J. e Glatzer J. (2009). *Bullying – manual anti-agressão*, Casa das Letras.

Informes, estudos y documentos - *Violencia Escolar: el Maltrato entre Iguales en la Educacion Secundária Obligatoria 1999-2006*. Retirado em 5 de Novembro de 2008 de <http://www.eldefensordelpueblo.es>.

- Jesus, S.(2004). Psicologia da Educação. Coimbra: Quarteto Editora.
- Lakatos E. e Marconi M. (1985). *Fundamentos de metodologia científica*, São Paulo: Atlas.
- Lei nº30/2002, de 20 de Dezembro (Estatuto do Aluno do Ensino Não Superior).
- Lei nº 46/86, de 14 de Outubro (Lei de Bases do Sistema Educativo).
- Lei nº 3/ 2008, de 18 de Janeiro (alteração ao Estatuto do Aluno dos Ensinos Básicos e Secundário).
- Martins, M. (2005). O problema da violência escolar: uma clarificação e diferenciação de vários conceitos relacionados. *Revista Portuguesa de Educação*, 18, 93-115.
- Matos, M. e Carvalhosa, S. (2001). A saúde dos adolescentes: ambiente escolar e bem-estar. *Psicologia, Saúde & Doenças*, 2, (2), 43-53. Retirado em 12 de Dezembro de 2008 de <http://redalyc.uaemex.mx/pdf/362/36220203.pdf>.
- Matos, M. e Carvalhosa, S. (2005). Bullying entre pares: os comportamentos de provocação nas escolas portuguesas. *Iberpsicología: Revista Electrónica de la Federación española de Asociaciones de Psicología*, 10,3. Retirado em 12 de Dezembro de 2008 de http://www.fedap.es/IberPsicologia/iberpsi10/congreso_lisboa/fonseca/fonseca.htm.
- Nansel T., Craig W. et al. (2004). Cross-national Consistency in relationship Between Bullying Behaviors and Pshychosocial Adjustment. *Archives of Pediatrics & Adolescent Medicine*. Retirado em 06 de Janeiro de 2009 de <http://archpedi.ama-assn.org>.
- Neto, A. (2005). Bullying – comportamento agressivo entre estudantes. *Jornal de Pediatria*, 81,5(S),S164-S172. Retirado em 17 de Janeiro de 2009 de www.observatiodainfancia.com.br.
- Oliboni. S.(2008). O bullying como violência velada: a percepção e ação dos professores. Tese de dissertação de Mestrado da Fundação Universidade Federal do Rio Grande. Retirado em 11 de Novembro de 2008 de www.btdt.furg.br/tde_busca/arquivo.php?codarquivo=118.
- Oliverira, S. (2008) Cyberbullying: fenómeno sem rosto. Retirado em 11 de Dezembro de 2008 de www.educare.pt.

- Ortega, R. e Mora-Merchán, J. (2004). *SAVE model: an anti-bullying intervention in Spain*. In Smith, P., Pepler, D. e Rigby, K. (Org.) *Bullying in schools – How successful can interventions be?*. Cambridge.
- Ortega, R. e Mora-Merchán, J. (2008). Las redes de iguales Y el fenómeno dela coso escolar: explorando el esquema domínio-sumisión, *Infancia y Aprendizaje, Journal for the Study of Education and Development*, 31, (4), 409-536.
- Pereira, B. (1997). Estudo e prevenção do bullying no contexto escolar. Os recreios e as práticas agressivas da criança. Tese de doutoramento da Universidade do Minho. Instituto de Estudos da Criança.
- Pereira, B. Mendonça D. et al. (2004) Bullying in Portuguese Schools. *School Psychology International*, 25,(2),241-254. Retirado em 10 de Dezembro de 2008 de [http:// www.repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/6094](http://www.repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/6094).
- Pereira, B.(2006). *Prevenção da violência em contexto escolar: Diagnóstico e programa de intervenção*. In Neto, J. e Nascimento, M.(Org), *Infância: violência, Instituições e políticas publicas*. São Paulo, Expressão Arte Editora. Retirado em 17 de Novembro de 2008 de www.repositorium.sdum.uminho.pt.
- Plano Nacional de Saúde (2004-2010). Retirado em 07 de Janeiro de 2009 de www.portaldogoverno.pt.
- Ramos, M (2008). A indisciplina dos alunos e o estilo do Professor. Tese de dissertação de Mestrado da Universidade da Beira Interior. Covilhã.
- Rego, I. e Caldeira S. (1998) Perspectivas de professores sobre a indisciplina na sala de aula. *Revista Portuguesa de Educação*, 11, (2), 83-107.
- Rigby, K. (2003). Consequences f Bullying in Schools. *The Canadian Journal Psychiatry*, 48, 583-590. Retirado em 11 de Novembro de 2008 de [ww1.cpa apc.org:8080/pyblications/Archives/CJP/2003/ocotober/rigby.asp](http://www1.cpa.apc.org:8080/pyblications/Archives/CJP/2003/ocotober/rigby.asp).
- Raimundo, R. (2005). Conflito entre pares e estratégias de coping em crianças e adolescentes, contexto escolar. Dissertação de Mestrado em Psicologia, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Lisboa (policopiado).
- Rodríguez, N. (2004). *Bullying – Guerra na escola*. Lisboa: Sinais de fogo.

Romero,T. (2007). *Estratégias para prevenir el bullying en las aulas*. Madrid. Pirâmide.

Sánchez, F. et al.(2006). *El bienestar personal y social y la prevención del malestar y la violencia*. Ediciones Pirâmide.

Sebastião, J., Alves, M. e Campos, J. (2003). Violência na Escola: das políticas aos quotidianos. *Sociologia, Problemas e práticas*, 41, 37-62.

Seixas, S. (2005). Violência escolar: Metodologias de identificação dos alunos agressores e/ou vítimas. *Análise Psicológica*, 2 (XXIII), 97-110.

Turagabeci, A. Nakamura K., Takano, T (2008). Healthy Lifestyle Behaviour Decreasing Risks of Being Bullied, Violence and Injury. *PLos ONE*, 3, issue 2, e1585. Retirado em 11 de Novembro de 2008 de www.plosone.org.

Veenstra R., Lindenberg, S. et al. (2005). Bullying and Victimization in Elementary Schools: A Comparison of Bullies, Victims, Bully/Victims, and Uninvolved Preadolescents. *Developmental Psychology*, 41, (4), 672-682. retirado em 11 de Novembro de 2008 de www.ppsw.rug.nl/~veenstra/cv/TRAILS_veenstra_DPOS.pdf-283k.

Zenhas, A. (2006). Director de Turma – perfil: procura-se. Retirado em 08 de Janeiro de 2009 de www.educare.pt.

ANEXOS

Exmo. Senhor
Presidente do Conselho Executivo
da Escola

Alice Jesus Dias Abrantes Carrilho, professora do Grupo 300 - Português, a frequentar o Curso de Mestrado em Supervisão Pedagógica, no Departamento de Psicologia e Educação da Universidade da Beira Interior, estando a desenvolver um projecto de investigação intitulado “Bullying em meio escolar: percepção do papel do professor na detecção, prevenção e combate do problema”, orientado pela Professora Doutora Rosa Marina Afonso, vem por este meio solicitar autorização para uma recolha de dados através de entrevista a docentes da escola que V. Exa. superiormente dirige. Este trabalho de investigação destina-se a conhecer as percepções dos professores em relação à problemática do *Bullying* em meio escolar. A recolha de dados será feita durante o segundo período do corrente ano lectivo, num único momento, e envolverá seis docentes pertencentes aos quatro departamentos curriculares da Escola.

Agradecendo desde já a atenção de V. Exa. para o solicitado, apresento os meus melhores cumprimentos.

Covilhã, 15 de Setembro de 2008

(Alice Jesus Dias Abrantes Carrilho)

Orientadora: Professora Doutora Rosa Marina Afonso

Mestranda: Alice Carrilho (M1473)

Percepção do papel dos docentes na detecção, prevenção e intervenção em situações de Bullying

GUIÃO DE ENTREVISTA

Tema

A emergência de notícias sobre o *bullying* em contexto escolar implica uma reflexão sobre o papel dos docentes na prevenção e combate do problema nas escolas.

Objectivo da entrevista

Aferir quais as percepções dos professores, do 3º ciclo do Ensino Básico, relativamente ao bullying e ao papel da escola e dos docentes na identificação, intervenção e prevenção/combate deste fenómeno.

Destinatário

Professores do terceiro ciclo de uma escola de ensino público.

Legitimação da entrevista

- . Esclarecer que as informações recolhidas são confidenciais e anónimas;
- . Solicitar autorização para a gravação audio da entrevista, devido à necessidade de a transcrever literalmente para analisar a informação recolhida;
- . Agradecer a colaboração do entrevistado.

Observação:

Bullying é o termo anglo-saxonico que designa a violência (física e/ou psicológica) com carácter sistemático entre pares. Ocorre com frequência nas escolas, mas é um fenómeno difícil de identificar porque as vítimas têm medo de o denunciar.

DADOS DEMOGRÁFICOS

Sexo: Masc. ☐ / Fem. ☐

Idade: ____ anos

Habilitações Literárias: _____

Grupo disciplinar _____ Tempo de serviço _____

Situação profissional _____

O cargo de Director(a) de turma: nunca teve ☐ / já teve ☐ / tem actualmente ☐

I – BULLYING EM MEIO ESCOLAR

1. Na sua opinião, que formas pode assumir o *bullying*?
2. Em que medida o *bullying* em meio escolar é, para si, factor de preocupação?
3. Qual estima que é a prevalência do *bullying* no 3º ciclo de escolaridade?
4. Como descreveria o perfil do agressor? E do agredido?

II – BULLYING - DETECÇÃO DO FENÓMENO

5. Como considera que um professor pode detectar agressores ou vítimas de *bullying*?
6. Descreva uma situação de *bullying* ocorrida ao longo da sua carreira profissional.
 - 6.1. Como teve conhecimento dos factos?
 - 6.2. Quem foram os protagonistas?
 - 6.3. Em que local de escola ocorreram?
 - 6.4. Quais as medidas tomadas?

III – BULLYING - PAPEL DA ESCOLA, DO PROFESSORES E DO DIRECTOR DE TURMA

7. O que é que considera que a escola deve fazer em relação à prevenção do *bullying*? E como deve actuar em situações *bullying*?
8. Em sua opinião, qual deve ser a atitude do professor ao ter conhecimento de uma situação de *bullying*? E o que é que considera que o professor pode fazer em relação à prevenção do *bullying*?

9. Qual o papel do director de turma na prevenção/ combate ao bullying? Porquê?

IV – MEDIDAS E ESTRATÉGIAS A ADOPTAR

10. Considera que deveria ou não existir formação de professores no âmbito desta temática?
- 10.1. Se sim, que conteúdos programáticos que deveria ter essa formação?
- 10.2. Qual o formato que esta formação deveria assumir?
11. Já teve oportunidade de fazer formação específica sobre a prevenção da violência entre jovens? De que modo?
- 11.1. Já sentiu necessidade / curiosidade em pesquisar sobre a temática do bullying em Portugal? Que recursos utilizou ou pensa utilizar?
12. Sugira estratégias e/ou actividades que poderiam ser pertinentes para a prevenção e o combate ao bullying.

Obrigada pela sua disponibilidade.

Alice Carrilho

DADOS DEMOGRÁFICOS
Sexo: Feminino
Idade: 37 anos
Habilitações Literárias: Licenciatura em Geografia e Planeamento Regional
Grupo disciplinar: 420 Tempo de serviço: 14 anos
Situação profissional: Professor Quadro Nomeação Definitiva – destacamento (professora não titular)
O cargo de Directora de turma: já teve e tem actualmente

Sujeito1 – transcrição do suporte áudio da entrevista

P: Então, na tua opinião, que formas pode assumir o Bullying?

R: Aah...pode assumir várias formas. Pode ser a agressão psicológica e a agressão física, mais concretamente, aah..., mas podem haver várias formas de bullying, não só a violência física que pode ser exercida sobre alguém, mas talvez a mais grave, a psicológica.

P: É mais grave por quê?

R: É menos visível e como é menos visível, ah; ..., acaba por afectar-nos mais, porque se o miúdo chega a casa com um murro dado ou com uma nódoa negra, os pais questionam, se o miúdo está triste e se tá calado, são capazes de “deixa-o estar que é a adolescência; deixa estar que ele está ... tá mais tristonho” e é mais difícil de..., das outras pessoas poderem detectar.

P: Em que medida é que o bullying, é factor de preocupação?

R: Aah... em contexto escolar, porque para haver um bom contexto escolar, é preciso que todos os pares estejam bem, portanto se os miúdos não estão bem, aah... o contexto escolar também não está e portanto, a partir do momento em que nós sabemos que ele existe, tem que ser feita alguma coisa, não podemos deixar que as nossas crianças estejam a sofrer e ficarmos de ... de braços cruzados.

P: Tens assim alguma estimativa sobre qual será a prevalência do bullying, assim percentagem, qual é a ideia que tu fazes?

R: Percentagem não tenho assim uma ideia específica, até porque nós vivemos numa zona, não é?, o interior do país, estamos numa escola de citadina (que aparentemente parece ser mais ou menos calma). Que há maior bullying no 3º ciclo do que no secundário, isso é...para mim, é claro. Agora, se for a nível nacional, as zonas litorais, acho que o bullying deve ter uma percentagem já bastante elevada, aah....aqui no interior, não sei, tenho ideia, assim ainda em expectativa positiva, que seja assim um valor um bocadinho baixo, menos 20%, não sei....

P: Ah, como é que achas que se pode descrever um agressor? E um agredido? O perfil?

R: O perfil... (pausa) o agressor, aah..., normalmente aparentemente, pode ser o fanfarrão... (pausa) aah... fisicamente mais forte, ... popular na escola. O agredido, normalmente é um miúdo mais tímido, mas não quer dizer que isto seja a, aa..., o típico, porque também podemos ter um agredido, por exemplo quando o bullying, é feito através do computador, o agredido até pode ser o popular que depois tentam também ... às vezes o agressor vira...o agredido virar agressor e o agressor virar agredido, mas o perfil do agressor será...será uma pessoa que aparentemente tem uma auto-estima mais forte e o agredido mais fraco.

P: Aah...como é que achas que um professor pode detectar agressores ou vítimas?

R: Mais facilmente vítimas. Pela aah... principalmente se houver uma relação próxima entre o professor e os alunos, não serão todos os professores que irão identificar, mas um ou outro, às vezes até mesmo, porque os colegas mais facilmente nos dizem que um aluno está a ser vítima de... do que acusam que a outra é agressor. Acho que mais facilmente talvez se identifique as vítimas, às vezes os agressores pode ser uma forma de chamar a atenção para as pessoas também poderem ajudar a ele. Pode não ser aquele agressor, aah.., o agressor que está a agredir para ver se também chama a atenção, porque também tem problemas. Não sei se me fiz entender...

P: Agora, um situação de bullying que já tenhas presenciado durante a tua carreira?

R: Então nós tivemos...

P: Sim, ... dou-te vários sub-pontos: como é que tiveste conhecimento dos factos? Os protagonistas? Em que local da escola é que aconteceu? Que medidas foram tomadas?

R: Eu tive conhecimento do caso, pelo encarregado de educação... aah em que um dos alunos estava a ser pressionado por alunos mais velhos, para pagar no bar, no início do ano em que ele, ah ... tinha entrado de novo para a escola, foi uma situação de 7º ano... Aah...O local da escola era dentro do pavilhão de convívio dos alunos e as medidas tomadas acabaram por ficar diluídas, porque com a ameaça da directora de turma intervir, os outros deixaram de o chatear.

Aquilo dá-me ideia que era mais uma, ah... ele era um miúdo mais fraco realmente e então era um alvo fácil, mas quando tiveram a percepção que estava a tomar outros caminhos, pararam.

P: Aah ... o que é que achas que a escola pode fazer, em relação á prevenção do bullying? Como é que deve actuar em casos concretos?

R: Em termos de prevenção de bullying, é falar do bullying, não ser um tema tabu, pode... a escola, pode acontecer com muita frequência noutras com menos, mas em todas elas, seja muito ou pouco, tem que ser falado. E actuar em situações, acho que realmente, devemos incentivar muito, devemos intervir na prevenção: falando, debatendo, simulando, filmes, sei lá... sensibilizando os miúdos, normalmente os miúdos não são maus e portanto às vezes desconhecem, às vezes o verem outros a fazerem chacota de um colega, se não estiverem sensibilizados de que podem estar, de que possa haver razão de humilhação, podem não intervir, se tiverem sensibilizados nas aulas de formação cívica, ou da área de projecto, mais facilmente estão alerta e podem...porque numa comunidade escolar há miúdos maus, mas também há miúdos muito bons e portanto, tentar alertar para que eles também possam ter uma acção interventiva.

P: Na tua opinião, qual é a atitude que deve ter o professor, ao ter conhecimento de uma situação de bullying?

R: Primeiro, não agir de cabeça quente (risos), e também falo por mim, sou muito intempestiva. Aah...falar, quer com o agressor quer com a vítima, aah tentar alertar, pedir ajuda às outras... aah, ao SPO nomeadamente, àqueles técnicos que poderiam ajudar a resolver o assunto, mas principalmente, sempre a atitude de actuar e de falar e não achar que é um episódio que vai ...que vai passar.

P: E o papel do Director de Turma? Nessa prevenção de combate ao bullying? Achas que tem um papel diferente de outro professor?

R: Às vezes tem muito a ver com a empatia que os alunos têm com o Director de Turma. Em principio, o Director de Turma será aquela pessoa que eles conhecem melhor e têm mais confiança. Mas hoje em dia, isso pode não acontecer, porque há directores de turma que raramente vêem os alunos, e portanto poderá até ser um o outro professor, que tem uma carga horária maior com eles, a quem eles acabam por ter uma ligação mais íntima, mais estreita. De qualquer maneira esse professor terá sempre que encaminhar para o director de turma, para em conjunto, arranjam uma forma, nem que depois essa forma até seja aplicada pelo outro professor, que tem mais confiança, mas tem sempre de passar pelo coordenador, no fundo daquela turma, daquele processo.

P: Achas que devia haver formação de professores, no âmbito desta temática?

R: Sim.

P: E, os conteúdos que deveriam fazer parte da formação? Qual o formato?

R: Deveria ser principalmente prática, formas de acção, trocas de experiências, para sabermos detectar e sabermos como é que havemos de agir em situação de... e acharmos que havia alguma situação a ser analisada.

P: Já tiveste oportunidade de fazer formação específica sobre isto?

R: Não.

P: E já alguma vez sentiste necessidade ou curiosidade em pesquisar sobre a temática do bullying?

R: Já ...já, pela internet.

P: (repete) Pela internet. Aah, agora para terminar, estratégias, actividades que consideres pertinentes?

R: Um pouco, principalmente com os alunos mais velhos, eu por exemplo, o que estou na minha direcção de turma, é : lancei-lhes umas perguntas sobre várias situações várias situações que eles poderiam ter; um aluno novo que entraria numa turma, um indiano; um aluno que eles descobriam que estava a tomar drogas; um aluno que tava a ser vítima de violência por parte de outros. E eles deram várias respostas, individualmente e em grupo. E agora estamos a analisar as respostas em grupo, e daí vão surgir temas para eles fazerem simulação de papéis. Vai ser um trabalho até ao final de...ou pelo menos, até ao final do período. Portanto tentar uma forma, também não muito direccionada, ver quais são as preocupações que eles têm e depois tentar dirigir...

P: De forma lúdica?

R:...lúdica. Tratar destes assuntos.

P: Ok. Obrigada.

R: De nada. (risos)

DADOS DEMOGRÁFICOS
Sexo: Feminino
Idade: 39 anos
Habilitações Literárias: Licenciatura em Educação e Desporto / Mestrado em Ciências do Desporto
Grupo disciplinar: 620 Tempo de serviço: 11 anos
Situação profissional: PQND (professora não titular)
O cargo de Directora de turma: já teve mas não tem actualmente

Sujeito 2 – transcrição do suporte áudio da entrevista

P: Então... na tua opinião, que formas pode assumir o bullying?

R: Pode assumir ... forma física ou forma a nível psicológico, através de agressão verbal, aaa ...deitar abaixo, situações mais ou menos destas...

P: E em que medida o bullying em meio escolar é para ti, um factor de preocupação?

R: Aaa...tendo em conta que sou professora de Educação Física e que é mais aa... pode ser um meio em que seja mais fácil aparecer uma situação de bullying, aa...tenho bastante..., tento ter em atenção em relação a essas situações, para que não aconteçam em sala de aula, também fora de aula, muitas vezes na zona de recreio, pronto... passo em termos de escola, porque vejo que é uma situação que cada vez existe mais em meio escolar e...tento lutar contra essa situação.

P: Consegues fazer assim uma estimativa, uma percentagem sobre a prevalência do bullying no 3º ciclo?

R: Eu ... tendo em conta a minha experiência, á volta de um, dois alunos por cada turma, poderão eventualmente ser vítimas de bullying. Portanto aí entre as 5 a 10%, penso eu, que possa acontecer já situações de bullying em termos de escolariedade de 3º ciclo.

P: Consegues descrever o perfil de um agressor e de um agredido?

R: Em relação ao agressor, normalmente são alunos que... que se sentem que são superiores, aah... do que os outros, penso eu, aah... que talvez tenham necessidade de manifestar essa superioridade em termos de escola, situação que se calhar não acontece em termos da própria vida deles fora da escola, são alunos revoltados, se calhar também não têm muito interesse pela própria escola. Normalmente vejo isso, por parte dos agressores, não são se calhar os alunos com maior sucesso que partem para situação de bullying, aah...

P: E os agredidos, ou vítimas?

R: As vítimas normalmente são alunos com baixa auto-estima, com baixa auto-confiança, aah... que... podem ser também fisicamente mais franzinos, talvez, aah... que não gostam de partir para situações de violência, portanto se calhar, acanham-se em virtude duma situação dessas, aah...facilmente manipuláveis, muitos deles que são miúdos que podem ser manipulados ...pelas situações que eu me tenha apercebido.

P: Ok. Como é que um professor pode detectar agressores ou vítimas de bullying?

R: Aah...pode ver situações de ...dentro da própria aula. Situações de... em que os alunos são manifestamente...agredidos verbalmente, maioritariamente, que são deitados abaixo, às vezes em situações de competição, pequeninas competições que são, que se, que fazem parte de...

P: aulas ?

R: ...das aulas e dos sistemas de jogo que usamos e de os miúdos, por uma ou outra situação, ou falharem, ou não fazerem, aquilo que eles estão á espera que façam e que podem ser vítimas de violência verbal, ... não aceitarem às vezes algumas situações, aa..., depois também situações que podemos tentar mesmo por fora da aula ou mesmo no sítio, em zonas de balneários pode haver uma situação de conflito, situações mal resolvidas da própria aula que depois possam extravasar para esses campos, para essas zonas, aah...talvez fora dos olhares dos..., muitas vezes fora dos olhares dos adultos, aah...mais nesses espaços.

P: Ao longo da tua carreira profissional, já tiveste conhecimento ou vivenciaste alguma experiência de bullying?

R: É assim ... de bullying, ... propriamente dito em termos da palavra, que é um termo relativamente recente, mas acho que situações de bullying sempre aconteceram, umas mais vincadas, mais detectadas, mais provadas vá lá, do que outras. Agora, no entanto, em relação a uma situação concreta...

P: Queres explicar alguma?

R: ...sei de uma, não aconteceu comigo, mas também foi uma situação vivenciada por uma colega, que foi para fora com uma equipa, disputar um campeonato regional e que só se apercebeu que um dos alunos, dentro da própria equipa era manifestamente maltratado pelos colegas, aah ... que tudo o que era lanches que eles tinham direito, o miúdo era obrigado a dar os lanches todos a um grupo maior, portanto era, era de uma equipa, eram quatro ou cinco elementos em situação de bullying para um...

P: era em grupo.

R: ...em grupo, de bullying em grupo e que foi sistematicamente agredido verbalmente, muita viol... ainda chegou à violência física e que era situações de que “tudo o que tens, dá-me para cá”, também com situação, não sei se chegou a situações de..., sei que depois em relação a

este caso, teve consequências em termos da escola, com processos disciplinares, que foram depois movidos, assim que a professora tomou conta da ocorrência e que partiu...

P: participou?

R:...houve participação, chamada dos encarregados de educação dos próprios alunos, porque essa situação depois foi, aah...foram tomadas medidas para resolver esse caso.

P: Em relação ao papel da escola, professores e director de turma em relação ao bullying, o que é que a escola pode fazer? Como é que se deve actuar em situações de bullying? Uma opinião tua.

R: Hum...eu primeiro acho que ... a própria população escolar, desde a população docente como a população discente devia estar mais aah...alertada para esta situação de bullying e, portanto, tudo o que sejam situações de acções de formação, de esclarecimento de situações destas ou que revelem situações concretas que se passam, através de filmes ou portanto, tudo o que seriam debates sobre esta situação, deveriam ser aah...deviam acontecer...

P: mais vezes.

R:...com maior frequência. Aah... depois muitas das situações de bullying às vezes que possam acontecer, muitas das vezes não têm consequências, aah...até pode haver já uma participação disciplinar ou já, vá lá, esboçar de um processo que depois muitas vezes não tem aah ..a... não é a penalização, mas não tem as consequências que deviam ter até chegar a apurarem-se os factos no final e se chegasse a um conclusão. Portanto, muitos dos processos são iniciados, mas depois não têm consequências e portanto todos os que são prevaca ..., ai! prevaricadores, nestas circunstâncias acabam por não ser penalizados e portanto há...acho que havia de ser uma situação aah...com ... desenvolvida com mais detalhe, até se apurarem os factos.

P: E concretamente o professor, o que é que pode fazer?

R: O professor deve agir em conformidade, deve manifestar em caso de situações que aconteçam, essas situações devem ser denunciadas. Deve tentar resolver primeiro as situações em sala de aula, aah...., com os seus alunos. Se essa situação não for conseguida, não se resolver essa situação, deve chegar a outras entidades, nomeadamente ao seu director de turma e depois daí desenrolar-se as situações... Agora deve haver penalizações, deve haver chamadas de atenção, aah no sentido de prevenir todas estas situações e alertar os próprios alunos para que essas situações acontecerem, os alunos comuniquem o que é que se passa.

P: Já referiste o director de turma, então achas que ele tem um papel diferente dos outros professores da turma, em relação a situações de bullying?

R: Eu acho que é da responsabilidade de todos os professores do conselho de turma, aah..., não será um papel só do director de turma. Agora fala-se muito da disciplina de Formação Cívica e poderá ser um dos temas, eventualmente da Formação Cívica, mas é da responsabilidade de todos os professores envolvidos.

P: Bem, consideras que deveria existir ou não, formação de professores no âmbito desta temática?

R: Devia, devia.

P: E, que conteúdos deveria ter essa formação? Qual o formato que deveria assumir?

R: Aah...eu acho que seria mais mesmo para explorar situações concretas que existam. Episódios que sejam relatados, seja de bullying físico, seja de bullying psicológico, portanto, diferentes... Tratar a temática do bullying com exemplos concretos e depois tentar ver da parte de cada pessoa interveniente nessa acção, nessa formação, qual é que seria a sua resposta.

P:E estratégias?

R: Depois haver uma situação de brainstorming entre as diferentes, entre diferentes intervenientes e claro, haver também, se calhar a participação de um psicólogo, ou de pessoas especializadas para essa situação, para essa temática, para que depois possamos trabalhar todos no mesmo sentido.

P: Já tiveste oportunidade de fazer formação específica sobre a prevenção da violência?

R: Não fiz...

P: E já sentiste necessidade ou curiosidade em pesquisar sobre a temática do bullying no nosso país?

R: Aah (pausa)... é... é ... um bocadinho complicado responder a esta questão porque eu vejo-me também..., não vejo muita gente interessada na temática, não vejo muita gente preocupada com este tema. Daquilo que eu já consultei, foi tudo de situações... não foram consultas directas, mas foi sim, por experiências partilhadas. Toda a formação que eu tenho em relação a esta temática ou preocupação que possa haver é mesmo de situação de confronto entre um professor ou um colega que tenha passado por situações e que, aah..., possamos debater um bocadinho essa situação. Qual é a opinião de um, qual é a opinião do outro. Em relação a este tema, claro que a internet é sempre um meio que se pode explicar, ou às vezes, em termos dos, dos filmes que possam surgir (nomeadamente, há um agora que tenho curiosidade em ver porque, fala, retrata também esta temática, que é “A Turma”). Aah...acho que através de confrontos com situações dessas seriam os melhores recursos ... tratar de situações concretas e não ficarmos só pelas teorias...

P: P'ra terminar, estratégias ou actividades que deverão ser pertinentes para a prevenção e combate ao bullying?

R: Eu acho que seria também através de filmes, pequenos filmes que tenham mensagem. Haver debate ou palavra-chave ou situações que se possam diferenciar o bullying físico do bullying psicológico ... Graus, os diferentes graus, o que é que é o suave bullying e o bullying mais aah...profundo...ou de maior intensidade, ou propriamente, ou muitas vezes até retratar as próprias situações de bullying, para poder identificar onde é que é bullying, onde é que não é.

P: Retratar como? Através de ... de..

R: Podia ser, podia ser, situações dessas de encarnar as próprias situações...

P: O role-play?

R: Exacto, de se encarnar essas situações, e depois confrontar essas situações, se são de *bullying*, se não são, como é que se sente aquele que é o agressor, como é que se sente o que é que é o agredido, para se definirem ali fronteiras.

P: Ok ... muito obrigada.

R: Nada, nada.

Anexo V

DADOS DEMOGRÁFICOS	
Sexo:	Feminino
Idade:	38 anos
Habilitações Literárias:	Licenciatura em Línguas e Literatura Modernas (Estudos Portugueses)
Grupo disciplinar:	300
Tempo de serviço:	15 anos
Situação profissional:	PQND (professora não titular)
O cargo de Directora de turma:	já teve mas não tem actualmente

Sujeito 3 – transcrição do suporte áudio da entrevista

P: Então na tua opinião, que formas pode assumir o bullying?

R: Aaa.. o bullying quanto a mim, pode assumir, pode ser sob a forma de agressões físicas, de agressão psicológica, de, de,..., de brincadeiras de mau gosto, digamos assim. Portanto no contínuo de brincadeiras de gozo em relação aos alunos, que, que o agressor não faz como sendo aah, com a intenção de ser agressivo, mas que, na perspectiva do, do do agredido funciona assim.

P: Aaa.. Tu achas mesmo que o agressor não, não faz isso intencionalmente? Não tem noção ..

R: Acho que não! Acho que pode achar, faz com que uma brincadeira de mau gosto sem ter ter uma perspectiva, sem uma intenção de magoar e de atingir profundamente o aluno. Quando é agressão física, concordo, acho que sim, que é, que ele sabe as consequências que daí vão ocorrer. Eu acho que os alunos não..., ou as pessoas,... os alunos vá, porque os adultos já sabem,(penso que não, que se não estão mais por dentro do assunto, pelo menos são mais premeditados). Acho que o aluno, se for elucidado e se lhes for explicado, se forem explicadas estas questões todas do bullying, da importância que isso assume na vida de uma pessoa, as formas que pode assumir,... algumas situações podem ser evitadas, acho que sim, eu acho que o miúdo pode compreender que está a agir mal e que podia não ser intencional. Há adultos que têm a mania de gozar com as pessoas por tudo e por nada e, persistem nisso. Nos adultos se calhar não afecta tanto, mas se calhar, esse adulto foi uma criança que foi, que já gozava persistentemente.... ou não? Eu penso que terá a ver com isso e no agredido funciona como, como como o bullying, sem o agressor estar á espera, penso.

P: Achas que é factor de preocupação?

R: Eu acho que é sempre factor de preocupação e que devemos estar á alerta. Aaa...porque as agressões físicas ou até psicológicas mais graves, parece-me que sendo mais notórias são se calhar mais fáceis de detectar. Mas há formas, pode haver formas de bullying, as tais mais, mais discretas ou mais encobertas ou feitas em contexto, em contexto às vezes até se calhar fora, pode até pode ser fora, parte do meio escolar e pode repercutir-se fora da escola, não é? E que são mais difíceis de seguir e de detectar e de acompanhar. Portanto é sempre factor de preocupação, com certeza, aqui na escola e passando á prevalência do bullying no 3º ciclo....

P: Consegues fazer uma estimativa, p´ra aí em percentagens?

R: Oh é assim...eu acho que não é.... é baixa, não diria residual não, mas há sempre casos pontuais e há caso que nós desconhecemos e há casos que são resolvidos em pouco tempo. Parece-me pelo menos no, na...no contexto da Covilhã, na sociedade em que nós vivemos, que será uma percentagem reduzida, parece-me que sim.

P: Como é que descreves o perfil de um agressor e de um agredido, ou uma vítima?

R: Bem, o agressor penso que deverá haver, vários perfis e vários tipos de agressões, penso eu. Quanto a mim, penso que deverá haver aqueles agressores que são, são agressivos, que são maus, são violentos por natureza, que são pessoas agressivas, não diria mais, estamos a falar de crianças,não é? de alunos de 3º ciclo, que já são violentos, são agressivos, por vários factores que se calhar agora não cabe estar a expor que são. Penso também haver agressores que por uma certa fragilidade deles próprios e para se valorizarem e para tentar superar alguns até algumas, alguns handicaps tem algumas frustrações, alguns complexos que tornam agressores como forma de valorização e de superação de alguns problemas. Quanto ao agredido eu ... a...a..., penso que haverá e isto muito empiricamente, claro, daquilo que me tenha apercebido, ouvido e lido, penso que haverá dois grandes grupos de agredidos. Penso que haverá, aquelas pessoas que são frágeis e que não conseguem realmente reagir, por natureza, são pessoas que não reagem, não conseguem. Penso que também haverá os aa... agredidos que não reagem por uma questão de educação, por uma questão de forma de estar na vida, por uma certa inacção, não por incapacidade, mas porque estão, porque sentem, aaa...porque se sentem limitados por uma série de regras, pela sociedade, pela educação, pelos pais que lhes mandam isto, que lhes dizem que tem que ser assim, tem que ser assado e quando lhes baterem não devem reagir eaah ..fisicamente também será importante pensar no perfil do agredido como alguém que foge um bocadinho ao padrão considerado de beleza, de estética ... actual. São miúdos assim um bocadinho “mais feios ou mais gordinhos “ ou com, ou..., ou com... vestir fora de moda por algum motivo em especial. O agressor se for dentro...poderá ser alguém assim com, com um aspecto físico normal ou assim um bocadinho

mais...poderá ser um pouco também aa...acima da média no sentido positivo, mas também poderá ser alguém que por se sentir mais feio ou ou mais, ou diminuído de alguma forma, bate nos outros. Eu penso que em termos físicos, penso que haverá, haverá perfis idênticos de ambos os lados, depende muito do contexto. Não me parece que seja necessariamente o bonito, alto, elegante e na moda que bate no gordinho, no feio e no baixinho ou vice versa. Penso que isso poderá...há uma mistura e cada caso deve ser estudado em particularmente, penso eu.

P: Aah..como é que consideras que um professor pode detectar agressores ou vítimas? Quais são as pistas que...

R: Talvez, aah...comportamentos, não é? que a pessoa verifique que são fora do vulgar ou fora daquilo que é normal e sempre com aspas e sempre entre aspas em relação a uma criança ou um adolescente ou jovem da idade em causa. Depois, talvez por, por estar alerta às histórias, aquilo que se ouve, aos comentários, as conversas, aa...por vezes também por conhecimento que nós temos dos miúdos através da caracterização que é feita, o contexto familiar donde provém, etc...às vezes também pode já ser um indiciador, podemos saber já alguma história e deixar-nos sobre aviso. Eu acho que principalmente estar á alerta e ser sensível ao aluno enquanto pessoa, o seu comportamento ... no dia a dia. Primeiro é conhecê-lo e depois aprender a ver quando ele está diferente,... quando sofre alterações.

P: Ao longo da tua carreira profissional, consegues descrever uma situação de bullying?

R: Eu não....

P: Pode não ter sido vivenciada por ti, que tenhas ouvido contar ou como é que tiveste conhecimento dela?

R: Assim um caso...um caso pontual, assim uma história, não ... às vezes acontecem situações por exemplo em espaços que se proporciona tal, como a educação física, os balneários. É o local onde se misturam miúdos de várias idades, aah...um local onde eles se expõem fisicamente, não é? mais do que é normal e por vezes ocorre situações em que os miúdos são agredidos ou em que se sentem agredidos e em que chegam ecos dessas, dessas agressões, a nós. Geralmente são alunos mais velhos que se metem com os mais novos, por exemplo. E pode acontecer que o façam de forma sistemática por estarem naquele espaço mais vezes ... não quer dizer que seja só no balneário, também pode ser nos recreios, por exemplo: quando discutem as posses das bolas, da bola do basquet ou da bola de futebol p'ra jogar nos campos nos intervalos, têm acontecido situações em que dizem....

P: Quis são as medidas tomadas?

R: As medidas tomadas geralmente são, são, aah ... a conversa ... eu tou a falar na perspectiva do conselho executivo, posso?

P: Podes, claro!

R: Aah ...quando nos chegamos a essa situação, vamos junto dos alunos, procuramos ir, ir junto dos alunos, dialogar com eles e tentar que, que a situação se modifique. E depois, caso seja persistente, claro: director de turma, encarregado de educação e por aí fora, na medida que for necessário. Habitualmente não é, não, não tem sido muito grave... Agora que falas nisso, lembro-me de uma situação que não sei se pode considerar bullying entre alunos já mais velhos, do 10º ano, em que têm andado ... mas aquilo é um pouco mútuo, porque provocam-se mutuamente e chegam à agressão física, etc...aah ...não sei se isso será, mas parece-me sim, uma agressão continuada que acaba por ser de parte a parte e em que é difícil descobrir aah....

P: um líder ?

R: Um líder, quem é quem começa, quem é que é pior, quem é que faz mais. Um caso desses que nós temos, demos-nos conta aah ...já há algum tempo em alunos já do secundário, aqui interessa do 3º ciclo, pronto, mas é uma situação que me estou a lembrar.

P: Aah ...O que é que consideras que se pode fazer em relação à prevenção do bullying? Como é que se deve actuar?

R: Olha, eu acho que relativamente à prevenção, penso que tem que haver formação nessa, nesse aspecto para os professores, para os educadores, para os pais, para os pais também que em casa há muitos sinais que nós, que os pais também se podem aperceber: alteração de hábitos, etc.. que os pais atribuem a isto ou aquilo. Também é importante, ainda que nós saibamos que às vezes os pais não são as pessoas ideais porque ... porque acabam por ter uma perspectiva muito aah ... subjectiva, estão muito envolvidos na situação p'ra lidar. Quanto aos professores, formação sem dúvida. Quanto aos alunos, também formação no sentido da conversa, do explicar como as coisas são, o que são, como funciona para que eles compreendam, que compreendam os seus comportamentos ... porque às vezes não têm noção, eu acho que os alunos não têm noção das consequências do que fazem, nem certas coisas mais pequenas, muito menos neste tipo de situação, que é tão grave.

P: E agora, especificamente qual deve ser a atitude do professor que tenha conhecimento de uma situação?

R: Eu acho que o professor, pode ou deve procurar conversar com o aluno, talvez, mas, mas ...eu acho que é complicado, porque nós com o aluno conversamos sempre, não é? Se vemos o aluno mal, se nos parece fragilizado ou com algum problema, temos a tendência de falar ...

mas acho que é importante alertar, lançar um alerta discreto mas, mas... efectivo sobre os órgãos, as estruturas que lidam com o aluno a saber. Claro que o director de turma, que estabelece aponte com os pais; o psicólogo, o SPO. Acho que o primeiro passo é falar com o director de turma que é uma pessoa que vai articular todas as estruturas que giram á volta do aluno, não é? Parece-me que esse será um passo assim mediático....

P: ...portanto tem uma responsabilidade acrescida...

R: Muito grande. O professor e o director de turma, enquanto coordenador de todo o processo... do aluno.

P: Aah ...tu acabaste já há pouco de responder a esta questão que tenho a seguir, se consideras que deve haver formação no âmbito desta temática... Agora, que conteúdos é que deveria ter essa formação e qual o formato que deveria assumir? O que gostavas de fazer se tivesses possibilidade...?

R: A formação, claro que sim. Quanto aos conteúdos programáticos, portanto tás-me a perguntar a organização da acção? Os temas a ser tratados?...

P: sim, sim...

R: Eu penso que, que deveria ser...eu não estou muito por dentro do tema, em termos de, de...temas tão profundos, não é? O que é que eu gostaria de ver trabalhar? Os aspectos mais importantes ... Nós sabemos que o bullying é uma forma, é a versão continuada sobre alguém, não é? Um alguém mais forte, se supõe mais forte sobre alguém sobre alguém mais fraco, certo?

P: Sim...

R: Eeee... podem ser maus tratos a vários níveis, não é? Talvez aah ... incidir sobre, sobre essa, sobre o o o, as formas bullying. Lá está, o que se deve fazer ou, ou ou as formas para detectar, contactar com casos concretos, saber exactamente ou conhecer algumas experiências, não é? Eu acho que sobretudo, partilhar experiências, portanto numa primeira fase, trabalhar a parte teórica, mas depois teoria sem prática também não leva a lado nenhum. E como nós, como eu te estou a dizer que aqui, por exemplo, na nossa escola...parece-me que o bullying ou que estas questões não têm sido muito faladas, não são muito realçadas porque, realmente, não estamos numa daquelas escolas com graves problemas,(penso que será mais nas grandes cidades, em zonas más...) Penso, portanto que era importante nós conhecermos casos reais, sermos confrontados com a vida real ... e depois estarmos alerta para as situações que nos apareçam, mesmo que sejam menos, mesmo que seja em menor intensidade, conseguirmos actuar e sabermos exactamente o que se deve fazer, porque podemos estar a fazer o que não ... algo que seja contraproducente. Até podemos estar a fazer o contrário do

que seria de esperar, imagina, massacrar um miúdo para contar-nos o que é que foi, o que é que foi... e se calhar naquela circunstância o que ele menos quer é falar e só estamos a fazê-lo fechar-se sobre ele próprio. Entendes? Fazer algo teórico e com uma parte prática. Conteúdos? Assim nun ...não estudei o suficiente para o poder dizer.

P: Já tiveste possibilidade de fazer alguma formação, nunca fiz específica sobre a temática da violência?

R: Não, directamente formação, não. Nunca fiz nenhuma.

P: Já sentiste necessidade ou curiosidade....

R: (interrompendo) Curiosidade e necessidade, claro que sim! Porque é um tema de que cada vez mais se fala. Já vi alguns programas na televisão e já sei e já percebi...nós sabemos, eu acho que todos nós ou muitos de nós (não direi quase todos) mas, muito de nós fomos vítimas de bullying quando éramos crianças, mais aah....nós que éramos, tínhamos uma situação de vida, falo por mim, normal de...um família normal, uma escola normal, acho que sim e e e...e isso interessa-me até para me compreender, para nos compreendermos a nós. Por acaso já procurei saber alguma coisa e depois vejo programas na televisão, têm dado alguns, aah...leituras se vir um artigo, eventualmente sou capaz de ler, agora fazer leituras aturadas sobre o tema sou sincera que não, não senti assim...

P: Para terminar, gostava que apontasses algumas estratégias ou actividades que consideres pertinentes para a prevenção do bullying?

R: Olha eu continuo... e vou-me repetir mais uma vez. Acho que é importante que este tema entre no plano de formação da escola, portanto, sob a forma de acções de formação ou de informação com ... que sejam, que sejam..e claro com convite até de técnicos especializados nestas áreas. Como é obvio, há-de haver psicólogos, psiquiatras, pedopsiquiatras ,etc. Toda aquela parafernália de gente que trabalha as coisas da ...da... da psicologia, etc...que venha falar sobre essa temáticas. Olha, como tanto se fala dos problemas da adolescência, da droga e a sexualidade, talvez este fosse um tema que pudesse estar a par portanto, das preocupações que se devem ter numa escola que se preocupa com os jovens que está a formar e... com os adultos que os estão a formar, porque isto, todos nós de uma maneira ou outra, estamos ligados a alunos, a crianças em termos funcionários, não é? Não é só professores, os funcionários. Mas sobretudo ... e muito importante também, levar a mensagem aos alunos, porque é deles...nós podemos estar aqui para prevenir ou resolver problemas ou para tentar, mas é deles que parte e..e e e...só estamos a falar de bullying entre jovens, porque também existe entre adultos. E mais não digo e em locais de trabalho! (Risadas). E não é para aqui

chamado para esta entrevista, mas existe e seria interessante desenvolver noutra fase da tua... do teu trabalho sobre o bullying.

P: muito obrigada pela tua disponibilidade.

R: Sempre às ordens!

DADOS DEMOGRÁFICOS
Sexo: Masculino
Idade: 52 anos
Habilitações Literárias: Licenciatura em Gestão de Empresas
Grupo disciplinar: 530 Tempo de serviço: 29 anos
Situação profissional: PQND (professor titular)
O cargo de Director de turma: já teve mas não tem actualmente

Sujeito 4 – transcrição do suporte áudio da entrevista

P: Então, na tua opinião, que formas pode assumir o bullying?

R: Ora bem, o bullying pode assumir várias formas, mas fundamentalmente duas grandes formas, não é? Uma forma, uma violência física, uma coação física e também uma forma psicológica.

P: Em que medida é que o bullying em meio escolar é, para ti, factor de preocupação?

R: Ah, sim! Para mim e para toda a gente deve ser um factor permanente de preocupação, porque aah... quando está em causa a integridade física e o bem-estar psicológico das pessoas, isso tem que nos preocupar como professores e como educadores.

P: E consegues fazer... assim uma estimativa de qual será a prevalência do bullying no 3º ciclo?

R: É difícil, aah.. porque há um bullying muito visível, não é ? Aquele onde há coação física, aah... onde o agente e a vítima são bem visíveis e há danos. Mas o bullying em que se utiliza ... eh pá... aah ..mas o bullying psicológico esse é muito difícil de detectar, mas acredito, tou convicto que é muito elevada as taxas de bullying, muito elevadas.

P: Ah, como é que descreves de um agressor e de um agredido ou uma vítima?

R: Aah ... regra geral, tenho impressão que não haverá assim, digamos, um perfil ... assim um perfil definido nem para agressor nem para a vítima. Se bem que a experiência tem-me demonstrado, que normalmente as vítimas é mais... na minha opinião, é mais fácil definir um perfil de uma vítima do que o agressor. Normalmente as vítimas são pessoas que ou têm uma deficiência física, ou porque têm baixos níveis de auto-estima, aah ... são oriundos de extractos mais baixos, aah extractos sociais mais baixos, aah... apresentam algumas características que colidem com ... com o habitual do resto da população onde está inserido aah ... Agora o agressor, na minha opinião, é difícil de definir, se bem que haja determinados

... determinados indivíduos que têm alguma apetência para isso, não é? O rufia, o valentão, o, o aluno que tem a mania que é o espertalhão, que domina, que pretende a qualquer preço ser o líder ...

P: OK.Como é que consideras que um professor pode detectar agressores ou vítimas de bullying?

R: Bem, um professor de facto pode detectar, pode detectar aquele bullying físico não é? Onde há agressão física. Esse é fácil de detectar, não é? São visíveis as mazelas, regra geral são visíveis. Aah ... o outro bullying, o bullying da coação, da chantagem, da coação psicológica é que é mais difícil, e o professor tem que estar atento, porque mais tarde ou mais cedo, o aluno vai revelar ... e começa a revelar sinais de instabilidade, de medo, tentar fugir ao grupo, turma, tentar fugir à escola, aah ... aah... apresenta sempre um ar amedrontado; isola-se e o professor vai estar atento a esses sinais. Mais tarde ou mais cedo eles acabam, eles acabam por se tornar visíveis e o professor vai estar atento.

P: Aah ...consegues descrever uma situação de bullying ocorrida ao longo da tua carreira? Como é que tiveste conhecimento dos factos?...

R: Ah sim!! Ao longo da minha carreira já detectei imensas situações de bullying, pelo menos aquele mais mais violento, da agressão física, da agressão verbal, da...portanto formas mais ou menos graves de agressividade,... já detectei várias...

P: Como é que tiveste conhecimento dos factos?

R: Acabei por...a maior parte dessas vezes foi...constatei directamente

P: E em que local da escola?

R: Oh... nos pátios, até em salas de aula, até em salas de aula já me aconteceram situações deste tipo.

P: E quais foram as medidas tomadas?

R: Oh... as medidas tomadas, procurar primeiro apaziguar, não é? Quando se está numa situação de violência física, aah ...ou verbal, não é? Tentar, p´ra já, acalmar as coisas e depois procurar averiguar porque é que aquilo saiu, porque é que não saiu. Aah ... e tentar averiguar as causas e depois explicar. Explicar aos intervenientes, vítima e agressor que... (às vezes não resulta, não adianta nada, não é? É uma perda de tempo... Não! Perda de tempo nunca será, mas sentimos que não estamos a ter eficácia nenhuma, aah... mas, procurar pelo menos isso).

P: O que é que a escola deve fazer em relação à prevenção de bullying? Como é que deve actuar?

R: Aah o bullying fundamentalmente deve é prevenir-se. Eu acho que a primeira medida que deve ser tomada numa escola é a prevenção! Mas claro quando ele acontece, os agentes da

comunidade educativa devem estar atentos, pessoas, funcionários, aah... devem estar atentos a esses fenómenos, a esses casos que possam aparecer. Aah ...e há o director de turma, nas suas aulas de Formação Cívica, acho que pode desempenhar um papel muito importante. Abordar essas questões, abordar as questões das diferenças raciais, éticas, religiosas muitas vezes ... Entender que de facto há diferenças mas que devemos saber lidar com essas diferenças e respeitá-las. Os professores, nomeadamente o director de turma, nessa área, pode ter um papel muito importante.

P: Em relação às medidas, estratégias a adoptar, consideras que devia existir ou não formação de professores no âmbito desta temática?

R: Sim, não era descabido haver uma formação nesta matéria, não é? Fala-se muito em civilidade, civismo, formação cívica, aah...portanto, mas matemática estritamente nesta matéria, eu nunca tive, nunca... nem sei, nem tenho conhecimento se há, se não há, mas fazia todo o sentido.

P: E qual era o formato que a formação devia assumir?

R: Oh... uma formação de que nível? Um formato...

P: Mais teórico? Testemunho de situações?

R: Sim, sim. Exacto, exactamente. Podia até ser uma formação a nível da formação contínua de professores. Podia, podia, podia abordar-se...e não esqueçamos que hoje vivemos tempos muito violentos, vivemos tempos muito violentos, a crise está instalada, aah...pode estalar a qualquer momento situações graves, conflitos sociais e as escolas não são “ilhas” e acabam por ser influenciadas por isso. E hoje as pessoas são muito violentas, reagem com muita violência. E portanto, uma preparação a este nível para os professores deveria, na minha opinião, deveria ser prestada porque é muito importante.

P: Há pouco disseste que nunca fizeste formação específica?

R: Não, nunca fiz formação específica.

P: Mas em relação ao bullying, já sentiste necessidade ou curiosidade em pesquisar algo sobre esta temática?

R: Já, já, já... Aliás é uma temática que sempre me despertou a atenção, que estou mais ou menos atento.

P: Que recursos é que...?

R: Tenho visto na net, tenho lido algumas coisas, falo, falo, inclusive ...conversa informal com um colega, fundamentalmente isso... Mas mais a nível da internet, de formas de bullying, de formas de prevenção. Agora eu acho que, por exemplo, eu acho que... considero-me um professor atento a estas situações, agora completamente imprevisto. Perante estas

situações, não sei, nunca ninguém me ensinou como agir, porque cada caso é um caso, cada situação é uma situação e muitas vezes o sermão, digamos assim, entre aspas, pode resultar. Nalguns casos resultará, noutros é perfeitamente inócuo.

P: Então, sugere lá...estratégias ou actividades que deveriam ser pertinentes para a prevenção do combate ao bullying.

R: Portanto eu acho que ... aah ... uma estratégia, a formação de professores e dos restantes elementos da comunidade educativa: os auxiliares de acção educativa e outros, aah e outros trabalhadores na escola. Aah ...a escola também podia provavelmente e sei que ou pelo menos no estrangeiro se tem feito coisas nesse sentido – os comités anti-bullying. Sei que se tem criado em algumas escolas, que engloba professores e alunos, aah.. e os alunos aqui podem ter um papel importantíssimo na prevenção de casos de bullying e ...relatá-los mesmo, podem ter um papel importante, porque para nós é mais difícil, nós não vivemos, não vivemos tanto no meio dos alunos, aa....

P: Eles sabem mais que nós?

R: Eles sabem muito mais que nós, eles sabem muito mais que nós, quem são as vítimas, quem são os agressores, eles sabem, efectivamente, eles sabem disso. Podia ser um meio excelente, não estou a criar um comité de bufos (risos) ... não é isso que se pretende, não é isso que se pretende, mas eu sei que se tem feito a nível de escolas, a nível do estrangeiro comités anti-bullying, tem-se feito e depois essas acções de sensibilização e de preparação de professores e tal e nas aulas de formação cívica e até talvez, porque não tirar-se um dia, um dia para a sua sensibilização dos alunos para abordar estas temáticas e explicar ...

P: Ok, obrigada pela tua disponibilidade.

R: De nada, dispõe sempre. (risadas)

DADOS DEMOGRÁFICOS
Sexo: Masculino
Idade: 53 anos
Habilitações Literárias: Licenciatura em Animação Sociocultural
Grupo disciplinar: 500 Tempo de serviço: 27 anos
Situação profissional: PQND (professor titular)
O cargo de Director de turma: já teve e tem actualmente

Sujeito 5 – transcrição do suporte áudio da entrevista

P: Na tua opinião que formas pode assumir o bullying?

R: É assim, o bullying é uma situação que está um pouco esquecida porque só há poucos anos se começou a falar no bullying, especialmente no contexto da escola. Assume, fundamentalmente, na minha opinião, um aspecto psicológico porque afecta e muito psicologicamente alguns alunos que não se conseguem defender das agressões dos seus colegas.

P: E em que medida é que o bullying é factor de preocupação para ti? O bullying em meio escolar, uma vez que é neste contexto que estamos a trabalhar...

R: É um factor de preocupação, porque se um aluno não está bem consigo próprio não pode estar bem na escola, portanto o seu rendimento certamente irá ser muito influenciado por esse mau estar. São alunos que de alguma forma, até poderão ser excelentes alunos mas que vão sentir-se tristes e afectados no seu desempenho.

P: Consegues fazer uma, uma estimativa sobre a prevalência do bullying no 3º ciclo? Percentagens? Ou alunos por turma?

R: É muito difícil responder a essa questão, uma vez que penso que a grande parte do bullying está encoberta, ou seja, aquilo que nós conhecemos de situações de bullying são esporádicas, são na ordem dos menos 10% certamente, o que não quer dizer que não existam muitas mais situações que não estão é devidamente detectadas e acompanhadas.

P: Como é no teu entender o perfil dum agressor e dum agredido ou de uma vítima?

R: Não, na...provavelmente não haverá um perfil, portanto aa..quanto á vítima, será certamente um indivíduo que tenha alguma dificuldade de se impor junto dos colegas, um indivíduo sem capacidade de liderança. O agressor, provavelmente será um líder, um líder que

se aproveita da sua capacidade de liderar para de alguma forma afectar o desempenho dos colegas mais frágeis.

P: Como é que consideras que um professor pode detectar agressores ou vítimas de bullying?

R: As vítimas talvez seja mais fácil, se virmos um aluno que se isola constantemente, que procura, que não, não reage muito em sala de aula, que procura não, não intervir a não ser que seja questionado, poderá ser um aluno que de alguma forma está a ser excluído da turma. Os agressores é um bocadinho mais difícil, embora às vezes ... há situações que nós não ligamos muito em sala de aula, mas que sentimos que há alunos que constantemente tentam aah...interferir naquilo que os outros fazem e interferir de uma forma negativa, o que pode ser talvez considerado uma situação de bullying.

P: Consegues descrever uma situação de bullying ocorrida ao longo da tua carreira? Ou que tenhas tido conhecimento? Quem foram os protagonistas? Em que local da escola é que aconteceram? Se foram tomadas algumas medidas?

R: Quer dizer, actualmente vai aparecendo um ou outro caso de bullying de que se vai tendo conhecimento. Aah ... este próprio ano, na turma que temos em comum até podemos dizer que existiu uma situação desse género, porque havia alunos que não foram convenientemente integrados, isto porque a turma já estava fechada e, aa.. aquele aluno entrou ali como um corpo estranho: teve alguma dificuldade, portanto o director de turma e a escola tentaram contactar os pais, tentaram ultrapassar a situação conversando com os alunos. São sempre situações muito difíceis de abordar.

P: Mas era um corpo estranho de que maneira? Consegues concretizar o que é que os colegas lhe faziam?

R: Aa..portanto isto é assim, o que acontecia é que os colegas não, não, o..escolhiam para os grupos de trabalho, os colegas não almoçavam junto delas, os colegas riam-se de atitudes que eventualmente elas pudessem tomar, nomeadamente criticavam o tipo de vestuário que usavam e pronto, aa...por acaso era uma aluna, essa aluna teve bastante dificuldade de integrar-se, porque estava constantemente a ser confrontada com pequenas coisas sem grande significado, mas que de alguma forma a afectava ao ponto de não querer ir às aulas, portanto de se recusar a estar em sala de aula, de procurar a defesa da família e coisas desse género.

P: Aah ... O que é que consideras que a escola deve fazer em relação à prevenção de bullying? E como é que deve actuar? Agora não é só o professor, é a escola como instituição?

R: É assim, claro o facto de ser uma situação ainda pouco conhecida e não haver assim ainda, na minha opinião, um processo único de atacar esta situação e também o facto de...dos próprios alunos que estão em situação de bullying não, não a virem apresentar, (porque tenho

a certeza que existe muito aluno que sofre na escola situações de agressão, ou psicológica ou até física), mas que não vem de alguma forma junto da escola, junto de seus professores comunicá-la. Portanto as coisas vão passando despercebidas. Penso que deve haver uma certa atenção, estes assuntos devem ser tratados a nível da formação cívica com os alunos em idades mais novas, no 3º ciclo, aah ... de maneira a fazê-los sentir que todos devem ser respeitados. Passará mais por uma, por uma chamada de atenção para a cidadania, para o bem estar, para as relações inter-pares de modo a que essas situações não se verifiquem. No caso de se detectarem, pois a escola deve interferir, deve, deve chamar aah...psicólogos, se os tiver, deve chamar a família, deve procurar resolver o problema utilizando todos os meios que tem a seu dispor.

P: Acabaste já por responder à pergunta que eu te ia a fazer: o que é que podemos fazer ao termos conhecimento de uma situação de bullying? E qual é o papel do director de turma na prevenção ou combate ao bullying?

R: Da prevenção também já falei um pouco, não é? Será sempre bom, o director de turma falar abertamente na turma, aah...fazer referências a essas situações, procurar que elas não se verifiquem, aah ... no caso de se sentir que existe alguma situação que possa levar à existência de bullying, tentar antecipadamente alertar p'róss problemas que daí podem vir, pronto, e ser uma pessoa que esteja próxima dos alunos. Penso que se o director está próximo dos alunos facilmente consegue detectar essas situações e depois resolvê-las; porque muitas das vezes o director de turma consegue aah ... aceder a informações mais precisas e mais rápidas até do que a própria família.

P: Consideras que deveria haver formação de professores no âmbito desta temática?

R: Penso que sim, quer dizer, porque é um assunto desconhecido e que muitos de nós ouvimos falar nele vagamente... eu, eu por exemplo, talvez há cinco, seis anos foi o tempo em que comecei ouvir falar em bullying. Nessa altura ainda nem sabia muito bem o que era, isto era uma informação que vinha aah..do exterior, Estados Unidos, (julgo eu) e nós aqui até quase não ouvíamos um pouco isso e neste momento as coisas tão a tornar-se realidade e nós estamos a aperceber-nos que afinal também nós estamos perante situações dessas.

P: Que formato é que deveria assumir essa formação e que conteúdos é que gostavas de ver abordados?

R: É muito difícil de, de...definir isso.

P: Nós muitas vezes dizemos que a formação é demasiado teórica...

R: Aah ... não sei...Talvez o ideal seria perante uma situação, um caso. Uma situação real conhecida, as pessoas abordarem e ver o que é que foi feito para tentar ultrapassar essa

situação e daí tirar algumas ilações, como eu digo, sinto que é uma coisa muito nova e as pessoas ainda não estão preparadas para, para aceitarem primeiro e depois para tentar resolver.

P: Aa..já tiveste alguma oportunidade de fazer formação específica sobre a prevenção da violência de jovens?

R: Não, não...portanto são temas que foram abordados muito ligeiramente, mas que uma formação, uma formação específica, não.

P: E já sentiste necessidade ou curiosidade em pesquisar sobre a temática do bullying em Portugal?

R: Em Portugal não, como digo li alguns artigos do estrangeiro, pronto, que na altura estava a fazer um complemento de formação e interessou-me de alguma forma analisá-los. Mas nunca vi, nunca vi sequer algum estudo feito em Portugal e não sei se existe.

P: Existe sim, claro.

R: Pois deve existir, não é? Mas nunca...

P: E para terminar, eu gostava de te pedir sugestões. Estratégias ou actividades que devessem ser pertinentes para a prevenção do combate?

R: É assim, quer dizer, eu acho que, aqui o papel do director de turma e do delegado de turma será muito importante, porque se o...o fundamental para mim é que as coisas sejam detectadas. E penso e continuo com essa ideia que muitas dessas situações não estão perfeitamente visíveis, são situações encobertas, portanto acho que seria muito importante que os professores, directores de turma tivessem esse cuidado, que procurassem aa..saber até a nível daqueles inquéritos que se fazem no início do ano, se de alguma forma, os alunos se sentem constrangidos, se sentem pressionados pelos colegas, que é uma coisa, penso não, penso não, tenho a certeza que não está lá expresso. Pergunta-se se os alunos se sentem bem na escola mas pouco mais do que isso e então seria provável que os inquéritos incluíssem questões do género aa.."saber se o aluno se sente bem na turma? Quem são os seus melhores amigos? Quem...

P: (interrompendo) Os sociométricos?

R: Mais na base de sociometria. Se calhar teria algum interesse para o professor ver quais são os interesses do aluno, se tem ou não, um grupo de pessoas com quem funcione melhor e se não está completamente isolado.

P: Aah ...portanto, isso seria em cada turma e, assim, a nível da escola mesmo? Na comunidade escolar?

R: É assim, eu acho que é mais fácil trabalhar a nível de cada turma. Em comunidade é muito difícil porque o número de indivíduos é muito grande, pelo menos na nossa escola e não é muito fácil levar um trabalho desses aah ... a bom porto. Se o trabalho for feito a nível da escola, a nível de turma, facilmente depois se poderá generalizar e até pegar nos problemas que se detectam e tentar resolvê-los em comum até arranjar uma equipa, quem sabe com a psicóloga, com um ou dois professores mais sensíveis a essas áreas para poderem de alguma forma depois trabalharem essas situações que divergem um pouco da normalidade. Seria, acho eu, muito importante para que se fosse esbatendo o bullying dentro da escola.

P: Ok, muito obrigada pela disponibilidade!!

Anexo VIII

DADOS DEMOGRÁFICOS
Sexo: Feminino
Idade: 46 anos
Habilitações Literárias: Licenciatura em Línguas e Literaturas Modernas (Português/ Francês)
Grupo disciplinar: 300 Tempo de serviço: 24 anos
Situação profissional: PQND (professora titular)
O cargo de Directora de turma: já teve e tem actualmente

Sujeito 6 – transcrição do suporte áudio da entrevista

P: Na tua opinião, que formas pode assumir o bullying?

R: Bom eu devo começar por confessar que não é um tema sobre o qual tenha um grande conhecimento. Aah...tenho lido algumas, alguns artigos até de imprensa, sobretudo a nível de imprensa sobre esta temática e acaba obviamente também por ser um tema que vai surgindo com alguma frequência na actualidade. Aah ... penso portanto que essas formas são de alguma forma ...marcas de agressividade que podem ter diversas formas, portanto quer físicas, quer agressividade ou a agressão física quer coacção psicológica, penso eu.

P: Em que medida o bullying em meio escolar é um factor de preocupação para ti?

R: Sim, claro que sim. Portanto são aqueles factores que por vezes surgem e vamos também ouvindo alguns relatos de acontecimentos. Aah...no mundo escolar aah...que obviamente geram alguma preocupação e alguma reflexão sobre essa existência.

P: Tu consegues fazer uma estimativa sobre a prevalência do bullying no 3º ciclo? Ou percentagens? Ou número de alunos por turma?

R: Não, não consigo...não consigo até porque da realidade que nós, que me envolve enquanto profissional do ensino não é aah .. na nossa escola grande realidade, parece-me a mim, quer dizer também lá está, se calhar muitos desses casos que existem não são devidamente aah ... reconhecidos e... e avaliados quando realmente existem. Efectivamente, penso que a nível do 3º ciclo será o grande ciclo da existência dessa ... portanto dessas situações em virtude da ligação com o factor de idade, portanto que estamos aqui em plena adolescência, portanto 12,13,14 anos parece-me que efectivamente será uma idade, uma faixa etária propícia para desen ... para o desencadear de situações deste tipo.

P: Consegues fazer uma descrição do perfil do agressor e de um agredido?

R: Aah ... à priori achamos que é possível estabelecer esse perfil. Aah ... sei lá situações de jovens que de alguma forma no seu percurso de vida podem ter vivências que os levam para aah...para que sejam aah ...mais, que se encaixem mais nesse perfil de agressor. Aah ...mas o que é facto é que eu própria tenho ficado por vezes surpreendida com o relato concreto de situações, lá está que chegam ao pé de nós através dos meios de comunicação social e que às vezes não se encaixam nesses, nessas ideias pré-concebidas que nós temos relativamente a esse perfil do do agressor. E vamos encontrar situações de bullying em diversos extractos sociais ... diferentes e que vêm contrariar portanto essas ideias que nós à partida poderíamos ter. A mesma coisa se passa relativamente ao agredido, portanto também sentimos, por vezes temos conhecimento de situações aah ... sei lá, até em colégios particulares e entidades de ensino desse nível que remetem obviamente para outras classes sociais também como eu dizia há pouco.

P: Como é que consideras que um professor pode detectar agressores ou vítimas? Achas que há assim algumas pistas? Alguns indícios?

R: Aah ... nós sentimos por vezes que esta agressividade latente nos jovens é algo de inerente a esta faixa etária, sentimos muitas vezes quando passamos nos próprios pátios, que eles se empurram uns aos outros, que eles se de alguma forma manifestam algumas atitudes de agressividade aah ... e portanto às vezes até se torna para nós e portanto associamos ou que eles próprios associam a uma certa brincadeira e por vezes nem sempre é fácil de detectar as causas mais profundas dessas atitudes. Aah...e portanto, parece-me que nem sempre é fácil detectar essas situações de bullying.

P: Consegues descrever uma situação de bullying ocorrida ao longo da tua carreira? Ou contigo? Ou tiveste conhecimento dela? Quem foram os protagonistas?

R: Portanto há relativamente pouco tempo, enquanto directora de turma, aah...tive uma situação de agressividade, portanto entre um aluno da minha direcção de turma e outro de outra turma, que eu acho que podemos aqui inserir. Aah...no entanto aqui havia também outros, outros factores, havia também de alguma forma alguma situação de racismo aah... que desencadeou, que terá desencadeado essa agressividade. E portanto assim à partida, que me lembre, foi a última situação ocorrida dentro da escola, fora da sala de aula...

P: (interrompendo) no pátio, no intervalo?

R: No pátio, sim, sim. Portanto mais aah ... mais do que um momento, portanto, por isso, eu estou já a inserir, houve de alguma forma alguma, alguma...

P: (sugerindo) intenção?

R: Intenção e sistematização dessa agressividade. Portanto, durante um um período de tempo que foi relativamente curto porque conseguimos intervir...

P: (interrompendo) Era isso que eu queria saber: as medidas tomadas?

R: Conseguimos intervir a tempo e depois também houve um outro factor que foi o concluir do ano lectivo. E portanto, tudo isso acabou por contribuir para que conseguíssemos aah... intervir de forma célere e como, entretanto, pois o ano lectivo acabou ... portanto, digamos que o facto de cada um dos jovens ter ido à sua vida, também acabou por, por por um afastamento, que quer dizer, não sei se aah ... o tempo lectivo fosse aah ...mais extenso, naquela situação, se os resultados teriam sido tão, tão conclusivos como o foram nesta situação.

P: Em relação às medidas, os pais foram chamados?

R: (interrompendo) Sim, exactamente.

P: (continuando) O conselho executivo....

R: Portanto foi aah ... fomos, foram as directoras de turma que aqui assumiram o controlo da situação, numa primeira instância, e depois, obviamente, também com o apoio do conselho executivo. Aah ... mas quer uma quer outra directora de turma, portanto, tiveram logo uma, uma conversa com os próprios envolvidos, responsabilizando portanto, o agressor e portanto essa primeira intervenção foi feita pelas directoras de turma. E depois também os pais foram chamados e, portanto, houve também um encontro aah ... até com a presença dos encarregados de educação de ambos os alunos aah ... e que acabou por ser bastante benéfica também até para ... o esclarecimento, quer dizer, houve ali um confronto directo que acabou com alguns mal entendidos que tinham surgido também. Obviamente que as versões dos miúdos eram contraditórias e, e portanto cada um dos encarregados de educação acabava por estar a privilegiar mais o relato do seu próprio filho e, portanto, ali acabaram por tomar consciência de que havia culpas de parte a parte e ... portanto, que acabaram por ser assumidas nessa situação.

P: Hum, hum. Aah ... o que é que consideras que a escola deve fazer em relação à prevenção de bullying? E como é que deve actuar em situações...

R: É, obviamente que é necessário que a escola esteja muito atenta a estas situações, se calhar muito mais do que está actualmente. Aah ... claro está, que também é uma tarefa que eu acredito que sobra bastante para os próprios directores de turma aah. ..que efectivamente têm que ter um conhecimento mais profundo dos alunos dessa sua direcção de turma. Aah ...lá está, é mais uma tarefa das muitas (cada vez mais as competências do director de turma são extremamente exigentes) e esta é também uma nova realidade a que é preciso estar atento.

Claro está, que também em termos de prevenção aah ... será também necessária, portanto uma actividade mais consensual de toda a escola que leve a uma reflexão dos próprios alunos relativamente a este tema. Aah ...e portanto eles próprios terem a noção de que há comportamentos a evitar e pronto, reflectirmos em conjunto sobre como prevenir toda esta situação. Aah ... pronto, relativamente às actuações portanto, lá está, estarmos mais atentos também e eu acho que realmente aah ...o desconhecer as situações é que pode ser grave e que podem levar a ... a...à cumplicidade dessas mesmas agressões e de tudo isso. Portanto, convém estarmos atentos e obviamente que o desejável seria intervir em momentos mais precoces.

P: Aah ...acabaste já por responder a uma das minhas questões que era sobre o papel do director de turma. Achas que tem uma responsabilidade acrescida neste tipo de situações...

R: Pois, parece-me que realmente...será! É desejável que seja também ...aah ... portanto o professor que constitua aqui um elo também de, de ligação até com os outros serviços nomeadamente a nível do do SPO (dos serviços de psicologia) serão extremamente necessários para conseguirmos intervir.

P: Consideras que deveria existir formação de professores no âmbito desta temática?

R: Sim, penso que sim. Obviamente que é uma realidade aah ... que vai surgindo de uma forma mais acutilante, temos que estar atentos a ela e claro toda a formação que puder complementar e, lá está, até ajudar-nos também a detectar alguns sinais aah ... mais evidentes dessa ... do perfil dos envolvidos nos pode ajudar numa intervenção mais precoce, como dizíamos há pouco.

P: Qual é o formato que essa formação deveria assumir? Mais teórica? Mais...

R: (interrompendo) Não demasiado teórica. Obviamente com certeza que terá que ter uma parte teórica, uma base teórica, mas sobretudo, lá está, ajudar-nos a identificar o tal perfil, se ... quais serão e obviamente aqui com a intervenção de de gente da área da psicologia, que nos ajude precisamente a detectar esses sinais de uma forma mais rápida, lá está, de nós detectarmos situações e de podermos ajudar os próprios jovens. Obviamente também para eles estas situações são extremamente complicadas e portanto para seu próprio progresso enquanto pessoas é de todo benéfico que essa intervenção se faça o mais adequadamente possível.

P: Já tiveste oportunidade de fazer formação específica sobre a prevenção da violência nos jovens?

R: Aah ... não, propriamente, não. Aah ...estou-me a lembrar...só assim uma análise momentânea que, portanto, da formação que eu fiz sobre hábitos de vidas saudáveis... e

portanto, a esse nível, e nomeadamente, a questão das bebidas alcoólicas que de alguma forma ... portanto “en passant”, falámos um pouco dessa violência gerada por essas situações. Mas penso que realmente a formação que eu fiz ao longo da minha carreira, em termos de violência propriamente dita, terá sido aah ...e só também assim muito por alto, pela rama, digamos, que nós falamos de violência entre jovens e efectivamente hoje a realidade mostra-nos que essa violência está muito latente.

P: Já sentiste necessidade ou curiosidade em pesquisar sobre a temática do bullying em Portugal?

R: Pronto lá está, não posso dizer que seja mesmo pesquisar aah ... mas tenho lido tudo aquilo que me vai chegando às mãos sobre esta temática, exactamente porque tenho a noção que é uma temática bastante actual e sobre a qual é necessário e urgente que estejamos informados...

P: Essa leitura é, é quê? Livros, jornais...

R: (interrompendo) Não. Jornais e revistas, essencialmente. Lá está, os mass media, sobretudo.

P: Para terminar, gostava que me indicasses estratégias ou actividades que poderiam ser pertinentes para a prevenção e combate ao bullying na escola.

R: Pronto, lá está ...de uma forma aah ... mais generalizada darmos a conhecer esta noção do que é o bullying e ao mesmo tempo também...

P:(interrompendo) Em situações de aula? De que maneira?

R: Sei lá ...eu estou a falar por exemplo das das formações cívicas, algo desse género, e portanto de uma forma também algumas actividades com outros intervenientes, com outros apoios aah...externos à própria escola aah ..que venham, sei lá, fazer palestras ou dar alguma informação também aos próprios jovens aha...sobre esta temática e levá-los a uma reflexão mais profunda sobre este, este tema.

P: Ok, muito obrigada pela disponibilidade!

P: Nada.

ANÁLISE DE CONTEÚDO DAS ENTREVISTAS		
Categorias	Subcategorias	Unidades de análise
I. Fenómeno do Bullying em meio Escolar	1.1. Formas de bullying	<p>agressão psicológica e a agressão física (...)mas talvez a mais grave, a psicológica.(S1 p1)</p> <p>feito através do computador (S1 p2)</p> <p>fazerem chacota de um colega (S1 p3)</p> <p>forma física ou forma a nível psicológico, através de agressão verbal (...)deitar abaixo, situações mais ou menos destas (S2 p1)</p> <p>situações de que “tudo o que tens, dá-me para cá” (S2 p2)</p> <p>a forma de agressões físicas, de agressão psicológica (...)</p> <p>de brincadeiras de mau gosto (S3 p1)</p> <p>uma violência física, uma coação física e também uma forma psicológica (S4 p1)</p> <p>coação, da chantagem, da coação psicológica (S4 p2)</p> <p>psicológico porque afecta (e muito) psicologicamente alguns alunos que não se conseguem defender das agressões dos seus colegas (S5 p1)</p> <p>marcas de agressividade que podem ter diversas formas (...) a agressão física quer coacção psicológica (S6 p1)</p>
	1.2.Frequência / periodicidade	<p>a versão continuada sobre alguém (...) mais fraco (...)</p> <p>umcontínuo de brincadeiras de gozo (S3 p1)</p> <p>são alunos mais velhos que se metem com os mais novos (...) de forma sistemática (S3 p3)</p> <p>intenção e sistematização dessa agressividade (S6 p2)</p> <p>é uma realidade (...) que vai surgindo de uma forma mais acutilante, (S6 p4)é um tema de que cada vez mais se fala.</p>

II Perfil dos envolvidos	2.1. O agressor	<p>o fanfarrão, fisicamente mais forte, popular na escola (...) aparentemente tem uma auto-estima mais forte, sentem que são superiores (S1p2)</p> <p>alunos revoltados (...) não têm muito interesse pela própria escola (S2 p1)</p> <p>quatro ou cinco elementos em situação de bullying para um (S2 p2) sucesso (S2 p1)</p> <p>vários tipos de agressores (...) agressivos, que são maus, são violentos por natureza (...) agressores que por uma certa fragilidade deles próprios e para se valorizarem e para tentar superar alguns (...) handicaps têm algumas frustrações (S3 p2)</p> <p>agressores como forma de valorização e de superação de alguns problemas (S3 p2)</p> <p>com um aspecto físico normal ou (...)acima da média no sentido positivo (...) poderá ser alguém que por se sentir mais feio ou mais, ou diminuído de alguma forma, bate nos outros.</p> <p>em termos físicos,(...) haverá perfis idênticos de ambos os lados (S3p3)</p> <p>Não me parece que seja necessariamente o bonito, alto, elegante e na moda que bate no gordinho, no feio e no baixinho ou vice versa. (S3p3)</p> <p>é difícil de definir, determinados indivíduos que têm alguma apetência para isso (ser agressor) o rufia, o valentão, (...) tem a mania que é o espertalhão, que domina, que pretende a qualquer preço ser o líder (S4 p1)</p> <p>um líder que se aproveita da sua capacidade de liderar para de alguma forma afectar o desempenho dos colegas mais frágeis (S5 p1)</p> <p>jovens que de alguma forma no seu percurso de vida podem ter vivências (...) se encaixem mais nesse perfil de agressor. (S6 p1)</p> <p>em plena adolescência (...) 12,13,14 anos será uma idade, uma faixa etária propícia (...) para o desencadear de situações deste tipo. (S6 p1)</p>
---	------------------------	---

	<p>2.2. A vítima</p>	<p>é um miúdo mais tímido (S1 p1)</p> <p>um miúdo mais fraco realmente e (...) um alvo fácil (S1 p2)</p> <p>alunos com baixa auto-estima, com baixa auto-confiança (...) fisicamente mais franzinos(...) não gostam de partir para situações de violência(...)acanham-se(...)facilmente manipuláveis (S2 p1)</p> <p>dois grandes grupos de agredidos: (...)frágeis (...) por natureza, são pessoas que não reagem, não conseguem (...) agredidos que não reagem por uma questão de educação, por uma questão de forma de estar na vida (...) se sentem limitados por uma série de regras, pela sociedade, pela educação, pelos pais (...) que lhes dizem que (...) quando lhes baterem não devem reagir(S3 p2)</p> <p>fisicamente, alguém que foge um bocadinho ao padrão considerado de beleza, de estética (...) mais “feios” ou mais gordinhos (...) o vestir fora de moda (S3 p2)</p> <p>têm uma deficiência física (...) têm baixos níveis de auto-estima, (...)são oriundos de extractos mais baixos (S4 p1)</p> <p>apresenta características que colidem com o habitual do resto da população onde está inserido (S4 p1)</p> <p>apresenta sempre um ar amedrontado; isola-se (S4 p2)</p> <p>um indivíduo que tenha alguma dificuldade de se impor junto dos colegas (...) sem capacidade de liderança (S5 p1)</p> <hr/> <p>2.3. A vítima provocativa</p> <p>pode ... às vezes ... agredido virar agressor e o agressor virar agredido (S1 p2)</p> <p>há uma mistura (de perfis) e cada caso deve ser estudado particularmente (S3 p3)</p> <p>não haverá (...)um perfil definido nem para agressor nem para a vítima (S4 p1)</p> <p>provavelmente não haverá um perfil (S5 p1)</p>
--	-----------------------------	--

<p>III. Bullying: percepção do fenómeno:</p>	<p>3.1.visibilidade</p>	<p>situações de bullying sempre aconteceram, umas mais vincadas, mais detectadas, mais provadas vá lá, do que outras (S2 p2) (situações) mais discretas ou mais encobertas (S3 p1)</p> <p>o bullying é uma situação que está um pouco esquecida porque só há poucos anos se começou a falar no bullying, especialmente no contexto da escola. (S5 p1)</p> <p>uma situação ainda pouco conhecida e não haver (...) um processo único de atacar esta situação (S5 p2)</p> <p>há cinco, seis anos foi o tempo em que comecei ouvir falar em bullying (...) era uma informação (...)do exterior, Estados Unidos (julgo eu) e nós (...) quase não ouvíamos (S5 p3)</p> <p>estamos a aperceber-nos que afinal também nós estamos perante situações dessas (S5 p3)</p> <p>em diversos extractos sociais (...) até em colégios particulares (...)que remetem obviamente para outras classes sociais (S6 p1)</p> <hr/> <p>3.2.Observação directa do professor</p> <p>dentro da própria aula. Situações (...) em que os alunos são agredidos verbalmente (...)em situações de competição (S2 p2)</p> <p>comportamentos (...) que a pessoa verifique que são fora do vulgar ou fora daquilo que é “normal” (S3 p3)</p> <p>no dia a dia (...) aprender a ver quando ele está diferente... quando sofre alterações (S3 p3)</p> <p>agressões físicas ou até psicológicas (...) parece-me que sendo mais notórias são se calhar mais fáceis de detectar (S3 p1)</p> <p>há casos que nós desconhecemos e há casos que são resolvidos em pouco tempo (S3 p2)</p> <p>a agressão psicológica, como é menos visível, é mais difícil de detectar mais facilmente talvez se identifique as vítimas (...) ocorrem situações em que os miúdos são agredidos ou em que se sentem agredidos e em que chegam ecos dessas agressões (S3 p3)</p>
---	--------------------------------	---

		<p>estar alerta e ser sensível ao aluno enquanto pessoa, o seu comportamento, história e deixar-nos sobreaviso (S3 p 3)</p> <p>bullying psicológico (...) é muito difícil de detectar (S4 p1)</p> <p>já detectei imensas situações de bullying (...)constatei directamente (S4 p2)</p> <p>bullying físico (...) é fácil de detectar (...) são visíveis as mazelas (...) o bullying da coação (...) é que é mais difícil, grande parte do bullying está encoberta (S5 p1)</p> <p>não quer dizer que não existam muitas mais situações que não estão é devidamente detectadas e acompanhadas (S5 p1)</p> <p>um aluno que se isola constantemente (...) poderá ser um aluno que de alguma forma está a ser excluído da turma (S5 p1)</p> <p>situações que nós não ligamos muito em sala de aula, mas que sentimos que há alunos que constantemente tentam aah...interferir naquilo que os outros fazem (...) de uma forma negativa (S5 p2)</p> <p>o aluno vai revelar ... sinais de instabilidade, de medo, tentar fugir ao grupo, turma, tentar fugir à escola (S5 p2)</p> <p>muitos desses casos que existem não são devidamente aah ... reconhecidos e... e avaliados quando realmente existem. (S6 p1)</p> <p>agressividade (...) uma certa brincadeira e por vezes nem sempre é fácil de detectar as causas mais profundas dessas atitudes, nem sempre é fácil detectar essas situações de bullying (S6 p2)</p> <hr/> <p>estar alerta às histórias, àquilo que se ouve, aos comentários, as conversas (S3 p3)</p> <p>os colegas mais facilmente nos dizem que um aluno está a ser vítima de... do que acusam que a outra é agressor</p> <p>sabem muito mais que nós, quem são as vítimas, quem são os agressores, eles sabem, efectivamente, eles sabem disso (S4 p4)</p>
--	--	---

3.3.Colaboração dos pares

<p>IV. Presenças / intervenção face ao <i>bullying</i></p>	<p>4.1. Papel da escola</p>	<p>falar do bullying, não ser um tema tabu (S1 p2)</p> <p>actuar em situações devemos intervir na prevenção: falando, debatendo, simulando, filmes (...) sensibilizando os miúdos (S1 p2)</p> <p>tentar alertar para que eles também possam ter uma acção interventiva (S1 p3)</p> <p>teve consequências em termos da escola, com processos disciplinares, que foram depois movidos,</p> <p>(...) a professora tomou conta da ocorrência e (...) houve participação, chamada dos encarregados de educação dos próprios alunos (S2 p2)</p> <p>a população docente como a população discente devia estar mais (...) alertada para esta situação de bullying (S2 p3)</p> <p>muitos dos processos são iniciados, mas depois não têm consequências (...) os que são (...) prevaricadores, acabam por não ser penalizados (...) havia de ser uma situação (...) desenvolvida até se apurarem os factos (S2 p3)</p> <p>As medidas tomadas geralmente são (...) a conversa (...) procuramos ir junto dos alunos, dialogar (...) tentar que a situação se modifique (...) caso seja persistente, claro: director de turma, encarregado de educação e por aí fora, na medida que for necessário (S3 p3)</p> <p>deve haver penalizações, deve haver chamadas de atenção, no sentido de prevenir todas estas situações (...) alertar (...) os alunos comuniquem o que é que se passa (S3 p4)</p> <p>os agentes da comunidade educativa devem estar atentos, pessoas, funcionários (...) devem estar atentos a esses fenómenos (S4 p2)</p> <p>a escola deve interferir deve chamar (...) psicólogos (...) a família, deve procurar resolver o problema utilizando todos os meios que tem ao seu dispor (S5 p3)</p> <p>é necessário que a escola esteja muito atenta a estas situações (...) será também necessária (...) uma actividade mais</p>
---	---	---

	<p>consensual de toda a escola que leve a uma reflexão dos próprios alunos relativamente a este tema. (S6 p3)</p> <p>situações são extremamente complicadas (...) é de todo benéfico que essa intervenção se faça o mais adequadamente possível. (S6 p4)</p> <hr/> <p>4.2. papel do professor</p> <p>não agir de cabeça quente (S1 p3)</p> <p>falar, quer com o agressor quer com a vítima,(...) tentar alertar, pedir ajuda (...) ao SPO nomeadamente, àqueles técnicos que poderiam ajudar a resolver o assunto (...) actuar e de falar e não achar que é um episódio (...) que vai passar.(S1 p3)</p> <p>deve agir em conformidade (...) essas situações devem ser denunciadas (S2 p3)</p> <p>Deve tentar resolver primeiro as situações em sala de aula (...) com os seus alunos (...) deve chegar a outras entidades, nomeadamente ao seu director de turma e depois daí desenrolar-se as situações (S2 p3)</p> <p>deve procurar conversar com o aluno (...) é importante alertar, lançar um alerta discreto mas, mas... efectivo sobre os órgãos, as estruturas que lidam com o aluno (S3 p5)</p> <p>explicar aos intervenientes, vítima e agressor (...) pelo menos isso (S4 p2)</p> <p>procurar primeiro apaziguar (...) acalmar as coisas (...) averiguar as causas e depois explicar (S4 p2)</p> <p>(o bullying) é da responsabilidade de todos os professores do conselho de turma, (...)não será um papel só do director de turma (S2 p4)</p> <p>situações muito difíceis de abordar (S5 p3)</p> <p>convém estarmos atentos e obviamente que o desejável seria intervir em momentos mais precoces (S6 p3)</p>
--	--

	<p>4.3. Papel do Director de turma</p>	<p>com a ameaça da directora de turma intervir, os outros deixaram de o chatear...quando tiveram a percepção que estava a tomar outros caminhos, pararam (S1 p2)</p> <p>o Director de Turma será aquela pessoa que eles conhecem melhor e têm mais confiança (S1 p3)</p> <p>o director de turma, que estabelece a ponte com os pais; o psicólogo, o SPO. (...) o primeiro passo é falar com o director de turma que (...) vai articular todas as estruturas que giram à volta do aluno (S3 p5)</p> <p>nas suas aulas de Formação Cívica (...) pode desempenhar um papel muito importante (S4 p2)</p> <p>falar abertamente na turma (...)fazer referências a essas situações, procurar que elas não se verifiquem (...) tentar antecipadamente alertar p'ros problemas que daí podem vir, ser uma pessoa que esteja próxima dos alunos (S5 p3)</p> <p>consegue (...) aceder a informações mais precisas e mais rápidas até do que a própria família. (S5 p3)</p> <p>Saber (...) os alunos se sentem constrangidos, se sentem pressionados pelos colegas (S5 p4)</p> <p>as Dt “tiveram logo uma, uma conversa com os próprios envolvidos, responsabilizando portanto, o agressor (S6 p3)</p> <p>têm que ter um conhecimento mais profundo dos alunos da sua direcção de turma (...) as competências do director de turma são extremamente exigentes (S6 p3)</p> <p>o professor que constitua aqui um elo (...) de ligação até com os outros serviços (...)necessários para conseguimos intervir (S6 p4)</p> <p>foram as directoras de turma que aqui assumiram o controlo da situação(...)um encontro (...) com a presença dos encarregados de educação de ambos os alunos (...) acabaram por tomar consciência de que havia culpas de parte a parte conseguimos intervir de forma célere (S6 p3)</p>
--	---	--

	<p>4.4. Sugestões de Estratégias e actividades</p>	<p>(alunos) sensibilizados nas aulas de Formação Cívica ou da Área de Projecto (S1 p3)</p> <p>surgir temas para eles fazerem simulação de papéis (S1 p4)</p> <p>ver quais são as preocupações que eles têm (...) de forma lúdica. tratar destes assuntos (S1 p4)</p> <p>acções de formação, de esclarecimento de situações (...) através de filmes (...) debates (S2 p3)</p> <p>tratar a temática do bullying com exemplos concretos e depois tentar ver da parte de cada pessoa interveniente nessa acção, nessa formação, qual é que seria a sua resposta. (S2 p4)</p> <p>haver uma situação de brainstorming (...) entre diferentes intervenientes (...) a participação de um psicólogo, ou de pessoas especializadas (...) para essa temática, para que depois possamos trabalhar todos no mesmo sentido(S2 p4)</p> <p>através de filmes (...) que tenham mensagem. Haver debate ou palavra-chave ou situações que se possam diferenciar o bullying físico do bullying psicológico ... os diferentes graus, o que é que é o suave bullying e o bullying mais (...)profundo</p> <p>O role-play (...) como é que se sente aquele que é o agressor (S2 p5)</p> <p>haver formação (...) para os professores, para os educadores, para os pais (...) Quanto aos alunos, também formação no sentido da conversa, do explicar como as coisas são, o que são, como funciona para que eles compreendam (...) consequências do que fazem (S3 p4)</p> <p>o bullying fundamentalmente deve é prevenir-se. (...) a primeira medida que deve ser tomada numa escola é a prevenção!</p> <p>formas bullying (...) o que se deve fazer (...) as formas para detectar, contactar com casos concretos, partilhar experiências,</p> <p>o bullying ou que estas questões não têm sido muito faladas, não são muito realçadas (S3 p5)</p>
--	---	--

		<p>acções de formação ou de informação com (...) convite até de técnicos especializados nestas áreas(...) psicólogos, psiquiatras, pedopsiquiatras (...) gente que trabalha as coisas da (...) psicologia, levar a mensagem aos alunos (S3 p6)</p> <p>estes assuntos devem ser tratados a nível da formação cívica com os alunos em idades mais novas, no 3º ciclo (...)</p> <p>fazê-los sentir que todos devem ser respeitados. (...) uma chamada de atenção para a cidadania, para o bem estar, para as relações inter-pares de modo a que essas situações não se verifiquem (S5 p2)</p> <p>formação a nível da formação contínua de professores (S4 p3)</p> <p>a formação de professores e dos restantes elementos da comunidade educativa: os auxiliares de acção educativa e (...) outros trabalhadores na escola.</p> <p>os comités anti-bullying (...) que engloba professores e alunos (S4 p4)</p> <p>acções de sensibilização e de preparação de professores</p> <p>aulas de formação cívica (tratar o tema)</p> <p>um dia para a sua sensibilização dos alunos para abordar estas temáticas (S4 p4)</p> <p>perante uma situação, um caso (...) uma situação real (...) ver o que é que foi feito para tentar ultrapassar essa situação (S5 p3)</p> <p>que os inquéritos incluíssem questões (...) na base de sociometria (S5 p4)</p> <p>arranjar uma equipa (...) a psicóloga (...) professores mais sensíveis a essas áreas que se fosse esbatendo o bullying dentro da escola (S5 p4)</p> <p>(os alunos) eles próprios terem a noção de que há comportamentos a evitar (...) reflectirmos em conjunto sobre como prevenir toda esta situação (S6 p3)</p> <p>darmos a conhecer o bullying (...) nas formações cívicas (...) algumas actividades com outros intervenientes, com outros</p>
--	--	--

		apoios (...)externos à própria escola (...) palestras (...) dar alguma informação também aos próprios jovens aha...sobre esta temática e levá-los a uma reflexão mais profunda sobre este, este tema. (S6 p5)
V. Formação de professores	5.1.Formação ocasional	<p>deveria ser principalmente prática, formas de acção, trocas de experiências, para sabermos detectar e sabermos como é que havemos de agir (S1 p4)</p> <p>explorar situações concretas que existam. Episódios que sejam relatados, seja de bullying físico, seja de bullying psicológico, portanto, diferentes...</p> <p>Tratar a temática do bullying com exemplos concretos e depois tentar ver da parte de cada pessoa interveniente (...) nessa formação, qual é que seria a sua resposta. (S2 p4)</p> <p>sermos confrontados com a vida real ... e depois estarmos alerta para as situações que nos apareçam (...) conseguirmos actuar e sabermos exactamente o que se deve fazer, porque podemos estar a fazer (...) algo que seja contraproducente (S3 p5)</p> <p>fazer algo teórico e com uma parte prática (S3 p5)</p> <p>não era descabido haver uma formação nesta matéria (...) Fala-se muito em civilidade, civismo, formação cívica (...) bullying é um assunto desconhecido (...) muitos de nós ouvimos falar nele vagamente (S5 p3)</p> <p>toda a formação que puder (...) ajudar-nos também a detectar alguns sinais (...) do perfil dos envolvidos nos pode ajudar numa intervenção mais precoce (S6 p4)</p> <p>Não demasiado teórica (...) com a intervenção de gente da área da psicologia, que nos ajude (...) a detectar esses sinais de uma forma mais rápida (...) e de podermos ajudar os próprios jovens (S6 p4)</p>

	5.2. Formação específica	<p>Não tive (S1 p4)</p> <p>Não fiz (S2 p4)</p> <p>Nunca fiz nenhuma (S3p6)</p> <p>uma temática estritamente nesta matéria, eu nunca tive, nunca... nem sei, nem tenho conhecimento se há, se não há, mas fazia todo o sentido (S4 p3)</p> <p>nunca fiz formação específica (...)considero-me um professor atento a estas situações completamente impreparado. (S4 p3)</p> <p>não sei, nunca ninguém me ensinou como agir (...) cada caso é um caso, “o sermão” (...) pode resultar. Nalguns casos resultará, noutros é perfeitamente inócuo (S4 p4)</p> <p>é coisa muito nova e as pessoas ainda não estão preparadas para, para aceitarem primeiro e depois para tentar resolver (S5 p3)</p> <p>uma formação específica, não (...) formação que eu fiz sobre hábitos de vidas saudáveis (S6 p4)</p>
	5.3.Auto- formação	<p>pela internet (S1 p4)</p> <p>não vejo muita gente preocupada com este tema. (...) experiências partilhadas.</p> <p>a internet é sempre um meio(...)filmes que possam surgir(S2 p4)</p> <p>programas na televisão (...) procurei saber alguma coisa (...)leituras, se vir um artigo, eventualmente sou capaz de ler, (...) fazer leituras aturadas sobre o tema (...) não (S3 p6)</p> <p>é uma temática que sempre me despertou a atenção, que estou mais ou menos atento (...) Tenho visto na net, tenho lido algumas coisas (...) conversa informal com um colega (S4 p3)</p> <p>li alguns artigos do estrangeiro (...) Mas nunca vi, sequer algum estudo feito em Portugal e não sei se existe (S5 p4)</p> <p>Não é um tema sobre o qual tenha um grande conhecimento (...) tenho lido (...) alguns artigos até de imprensa,(...) sobre esta</p>

		<p>temática e (S6 p1)</p> <p>não posso dizer que seja mesmo pesquisar (...) tenho lido tudo aquilo que me vai chegando às mãos sobre esta temática (...) bastante actual e sobre a qual é necessário e urgente que estejamos informados... Jornais e revistas, essencialmente (...)os mass media, sobretudo (S6 p5)</p>
--	--	---